



Ispá

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

UM TRIÂNGULO A DOIS?:
TRIANGULAÇÃO PSÍQUICA EM CRIANÇAS
DE FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS

MATILDE COUCHINHO BALTAZAR

Orientador de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ABREU AFONSO

Co-Orientadora de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA FRANCIS
TEPLITZY CARNEIRO

Professor de Seminário de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ABREU AFONSO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor José Abreu Afonso e co-orientação da Professora Doutora Francis Teplitzy Carneiro, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Ao Professor José Abreu Afonso, por conter as minhas ansiedades ao longo deste ano e pelas aprendizagens ao longo do mestrado.

À Professora Francis Teplitzy Carneiro, pela cumplicidade e por puxar sempre por mim.

Sem os dois professores a orientar-me, este trabalho não tinha sido a dor de cabeça que foi, e ainda bem que o foi. Obrigada.

À minha mãe, que atura todas as minhas casmurrices e que mesmo assim me ama por igual e que acredita em mim mais que ninguém.

Ao meu pai, que reviu e corrigiu esta dissertação, vírgula por vírgula, mesmo com um trabalho a tempo inteiro e um doutoramento *on the making*, e que tem sempre palavras ternas.

Aos meus avós Tila e João, que praticamente me criaram (desculpem pais) e que gostam de mim incondicionalmente.

Ao Tomás, que pirateou tantos livros da *internet* por e para mim e que, sem ele, esta dissertação não existiria (pelo menos desta forma). Obrigada pelo amor.

Às minhas amigas ispianas: Constança, que juntas seguimos até ao fim desta época; Inês, que partilha comigo o amor pelo tédio que é a psicanálise; Luísa, que me inspira sempre a ser melhor; Zafira, que me leva por trilhos divertidíssimos, quer sejam eles sesimbrenses ou psíquicos.

Às minhas amigas do grupo mais diversificado: Catarina, que vive a 5 minutos de mim e que nos vemos, na melhor das hipóteses, de 2 em 2 meses; Sara, que partilhou telepaticamente as suas frustrações com a sua dissertação; Mariana, que até hoje ainda não percebi como o seu cérebro funciona (algo que vejo como positivo).

A todas as pessoas que passaram pela minha vida em algum momento, pelas amizades, pelos amores, pelos desgostos, pelas aprendizagens.

A mim, que tive esta ideia e que me recusei a abdicar dela.

“It is a joy to be hidden, and disaster not to be found.”
— D.W. Winnicott

Resumo

As famílias monoparentais femininas por opção têm vindo a aumentar nas últimas décadas. Ao não corresponderem às ideologias da família nuclear tradicional (casal heterossexual com filhos biológicos), levantam uma série de preocupações relacionadas com o bem-estar e com o ajustamento psicológico das crianças que crescem sem uma figura paterna. O Complexo de Édipo constitui-se como a fase primordial do desenvolvimento sexual infantil permitindo que a criança aceda aos objetos de desejo e às identificações. A criança compete com o objeto de identificação pelo objeto de desejo, concretizando um movimento psíquico triangular. O desenvolvimento do Complexo de Édipo é, portanto, necessário para o acesso à triangulação psíquica e para um funcionamento psíquico saudável. Face à escassez de literatura psicanalítica nesta temática, o presente estudo teve como objetivos principais descrever os processos intrapsíquicos das crianças de famílias monoparentais femininas por opção e explorar os papéis parentais destas famílias. Para tal, foram avaliados a diferenciação psíquica, a relação com o Terceiro, as identificações objetais, o acesso aos interditos, os objetos de desejo e os objetos de rivalidade. Neste estudo de tipo qualitativo, foram entrevistadas seis mães e seis crianças de famílias monoparentais femininas por opção e foi realizada uma Análise Temática reflexiva. Foram identificados sete temas principais e nove subtemas nas narrativas dos participantes. Os resultados sugerem que as crianças de famílias monoparentais femininas por opção acedem à triangulação psíquica e concretizam os conflitos edipianos e que as funções parentais não se encontram exclusivamente atribuídas a papéis familiares específicos. São discutidas as implicações teóricas e clínicas, assim como as limitações do estudo e sugestões para investigações futuras.

Palavras-chave: Triangulação psíquica; Terceiro; Complexo de Édipo; Identificação; Funções parentais

Abstract

The number of female monoparental families by choice has been rising in the past decades. By not conforming to the ideology of the traditional nuclear family (heterosexual couple with biological children), they raise several concerns related to the well-being and psychological adjustment of children growing up without a paternal figure. The Oedipus complex constitutes the primordial phase of infantile sexual development, allowing the child to gain access to objects of desire and identifications. The child competes with the object of identification for the object of desire, thus enacting a triangular psychic movement. The development of the Oedipus complex is therefore necessary for access to psychic triangulation and for a healthy psychic functioning. Given the scarcity of psychoanalytic literature on this topic, the present study aimed primarily to describe the intrapsychic processes of children from female monoparental families by choice and to explore the parental roles within these families. To this end, the study assessed psychic differentiation, the relation to the Third, object identifications, access to prohibitions, objects of desire, and objects of rivalry. In this qualitative study, six mothers and six children from female monoparental families by choice were interviewed, and a reflexive Thematic Analysis was conducted. Seven main themes and nine subthemes were identified in the participants' narratives. The results suggest that children from single-mother-by-choice families achieve psychic triangulation and enact Oedipal conflicts, and that parental roles are not exclusively tied to specific people. Theoretical and clinical implications are discussed, along with the study's limitations and suggestions for future research.

Key words: Psychic triangulation; the Third; Oedipus Complex; Identification; Parental roles

Índice

INTRODUÇÃO	1
CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS	1
REVISÃO DE LITERATURA.....	7
COMPLEXO DE ÉDIPO E IDENTIFICAÇÕES	7
TRIANGULAÇÃO	14
FUNÇÕES PARENTAIS	17
MÉTODO	20
PARTICIPANTES	20
DESENHO E INSTRUMENTOS	21
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	23
<i>Entrevistas Semi-estruturadas</i>	23
<i>CAT - Children's Apperception Test</i>	24
PROCEDIMENTO.....	26
ANÁLISE DE DADOS	27
RESULTADOS	29
TEMAS E SUBTEMAS DAS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS.....	30
<i>Tema 1 - “A galinha dá comida aos seus bebês”</i> : <i>Expressões Oraís</i>	31
<i>Tema 2 – Expressões Anais</i>	32
<i>Tema 3 – Expressões Fálicas</i>	33
Subtema 3.1. – <i>Cena Primitiva</i>	34
Subtema 3.2. – <i>Rivalidades e Desejos</i>	35
Subtema 3.3. – <i>Superego</i>	36
<i>Tema 4 - Fragmentos do outro em mim: Figuras de Identificação</i>	37
Subtema 4.1. - <i>Figuras Femininas</i>	38
Subtema 4.2. - <i>Figuras Masculinas</i>	39
TEMAS E SUBTEMAS DAS NARRATIVAS DAS MÃES.....	39
<i>Tema 5 – O Terceiro no meu filho</i>	40
Subtema 5.1. – <i>As relações do meu filho com os outros</i>	41
Subtema 5.2. – <i>O acesso do meu filho à rivalidade e ao desejo</i>	42
<i>Tema 6 – Fragmentos do outro no meu filho: Figuras de Identificação</i>	43
Subtema 6.1. – <i>Figuras Femininas no meu filho</i>	44
Subtema 6.2. – <i>Figuras Masculinas no meu filho</i>	45
<i>Tema 7 - “Eu sou mãe e pai”</i> : <i>Gestão das Funções Parentais</i>	46
DISCUSSÃO	48
CONCLUSÕES	58
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS	67

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos participantes	22
--	----

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa Temático (Crianças)	30
Figura 2 – Mapa Temático (Mães)	40

Introdução

Contextualização sociodemográfica das famílias monoparentais femininas

As últimas décadas têm revelado uma necessidade de (re)conhecer, descrever e estudar as novas configurações familiares pelas notáveis mudanças demográficas, uma vez que a representatividade das famílias tradicionais se tem demonstrado cada vez menor (Lamb, 1999). Com efeito, os dados demográficos portugueses apontam para um número de agregados domésticos 474.473 de famílias monoparentais, em que 87,3% das mesmas correspondem a famílias monoparentais femininas (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2024). A percentagem europeia (83,8%) é 3,5 pontos percentuais inferior.

As configurações familiares de monoparentalidade feminina por opção também têm aumentado nas últimas décadas (Scott et al., 2019). A monoparentalidade feminina já não é unicamente resultado de divórcios nem separações como foi até ao século XX, tendo passado também a ser uma escolha ativa das mulheres que desejam ser mães sem a obrigação de corresponder às ideologias da família nuclear tradicional, composta por um casal heterossexual com filhos biológicos (mãe-pai-filho) (Graham, 2012). É face a estas ideologias que a monoparentalidade feminina é frequentemente percecionada como um fator de risco para o desenvolvimento infantil, visto que as preocupações a estas famílias são muitas vezes fruto dos ideais acerca do que uma família “deveria ser” - os ideais da família tradicional (Graham & Braverman, in press, cit. por Graham, 2012).

Durante o século XX, quando esta nova estrutura familiar começou a ser mais notória, numerosos escritos foram publicados constatando que as crianças que crescem apenas com um cuidador se encontram em desvantagem face a crianças de famílias tradicionais. Autores de diversas áreas de estudo suportavam estas ideias, nomeadamente McLanahan e Sandefur (1994), dois sociólogos, afirmando que as crianças de famílias monoparentais e/ou de pais separados apresentavam duas vezes maior probabilidade de abandonar o ensino secundário

que as crianças de famílias com uma configuração tradicional, assim como de se tornarem pais ou mães solteiros/as, e maior probabilidade de se tornarem desempregadas. No fundo, a perspectiva era a de que as crianças de famílias tradicionais seriam bem-sucedidas, e as crianças de famílias monoparentais não.

Na generalidade, os psicanalistas não se opuseram a esta corrente e apoiaram-na. Constatava-se que a presença de ambos os pais era essencial para a resolução dos conflitos edipianos da criança (Kirshner, 1992; Neubauer, 1960) e que a ausência de um dos pais afetava significativamente o desenvolvimento emocional e psíquico da criança (Neubauer, 1960). Também se defendia que as crianças que cresciam sem pai não demonstravam culpa nem ressentimento (Neubauer, 1960) e que a ausência do pai podia resultar em conflitos identitários e sentimentos de grandiosidade (Kirshner, 1992). E ainda que as tensões sexuais infantis eram projetadas pois não conseguiam ser contidas nas fantasias do casal parental (Kirshner, 1992) e que a ausência do pai incapacitava a criança de passar pelo processo de triangulação psíquica (Kirshner, 1992).

Nos dias de hoje, o discurso e a polémica relativamente às famílias monoparentais reincide sobre o ajustamento psicológico destas crianças. Amato (2005) publicou um artigo no qual argumentou que as crianças que crescem continuamente numa casa com (dois) pais casados são menos propícias a experienciar problemas cognitivos, emocionais e sociais que quaisquer outras crianças. Curiosamente, escreve também o seguinte: “Apesar de não ser possível demonstrar que a estrutura familiar é a causa destas diferenças...”, colocando em causa o seu argumento. Rees e colaboradores (2023) reconhecem que as famílias monoparentais são confrontadas com diversos desafios: stress financeiro (rendimento único, custos do cuidado da(s) criança(s), oportunidades de carreira limitadas); gestão do tempo (ter de gerir diversos papéis, tempo livre limitado); tensão emocional (isolamento, stress e ansiedade). Os autores (Rees et al., 2023) realçam que existem também desafios adicionais

para as famílias monoparentais femininas, e que estes prendem-se com o género das mesmas. As mães de famílias monoparentais femininas experienciam maior discriminação nos ambientes profissionais, inclusive nos salários e nas oportunidades de carreira. Os valores da família tradicional colocam também a mulher como a cuidadora principal dos filhos, e estas expectativas colocam as famílias monoparentais femininas sob uma pressão adicional. Com o intuito de estudar o impacto que esta configuração familiar poderá ter nas crianças, os mesmos autores (Rees et al., 2023) concluíram que os fatores mais significativos para o sucesso académico das crianças são a qualidade parental, o acesso a oportunidades educativas e a estabilidade familiar. Estes fatores, ao contrário do que se acredita, sobrepõem-se ao suporte académico que as crianças de famílias com dois pais no agregado experienciam. Os autores acrescentam ainda que também não é o número de pais no agregado familiar que prediz o bem-estar emocional das crianças, mas sim a qualidade na relação pais-crianças, a dinâmica familiar e a rede de suporte.

Um dos argumentos que poderá explicar o porquê de se acreditar que as crianças de famílias monoparentais se encontram em risco é o fator financeiro (Chan et al., 1998). Por norma, estas famílias possuem menos recursos financeiros, e o baixo nível socioeconómico e a baixa escolaridade constituem-se como verdadeiros fatores de risco para o desenvolvimento das crianças. Estes são frequentemente confundidos com a configuração monoparental da família, assumida como sendo uma desvantagem. Ainda assim, na monoparentalidade feminina, de forma geral, as mães de monoparentalidade feminina por opção evidenciam maior estabilidade económica e níveis mais baixos de stress que as mães divorciadas (Murray & Golombok, 2005). Savell e colaboradores (2023) argumentam também que apesar de existir literatura que associa a estrutura familiar a problemas comportamentais e de saúde na adolescência, tais estudos foram realizados apenas com um participante ou explorando unicamente uma fase de desenvolvimento.

Nos últimos anos, alguns autores têm tentado colmatar estas falhas. Realizou-se um estudo comparativo entre famílias monoparentais femininas por opção e famílias com dois pais, onde se reportou que não existem diferenças na qualidade parental (Golombok et al., 2016). Foi também realizado um estudo longitudinal que acompanhou crianças de famílias monoparentais femininas lésbicas, de famílias monoparentais heterossexuais e de famílias de dois pais heterossexuais. As crianças foram acompanhadas em três momentos diferentes da sua infância e adolescência: com 6 anos (Golombok et al., 1997); com 12 anos (MacCallum & Golombok, 2004); com 16 anos (Golombok & Bagder, 2010). As famílias femininas apresentaram resultados similares na qualidade parental e no ajustamento psicossocial dos filhos relativamente às famílias com dois pais, e relações familiares mais positivas e maior bem-estar psicológico. Além disso, no terceiro momento, os adolescentes de famílias monoparentais femininas apresentaram níveis mais baixos face às famílias tradicionais e níveis iguais às famílias de casais lésbicas em: ansiedade; depressão; hostilidade; uso problemático de álcool.

Atualmente, existe um número substancial de estudos que refere que o ajustamento psicossocial das crianças de famílias não tradicionais não apresenta diferenças significativas comparativamente a crianças de famílias tradicionais. Golombok e colaboradoras (2016) compararam crianças de famílias com dois pais e crianças de famílias monoparentais femininas por opção (que integram as famílias monoparentais femininas) e concluíram que não existem diferenças no ajustamento psicológico. Salientam que os fatores que colocam em causa esse ajustamento são, por exemplo, as dificuldades financeiras percebidas e o stress parental, e tal verifica-se para ambas as configurações familiares. Verificaram também que a única diferença entre grupos era que o nível de conflito mãe-criança era menor em famílias monoparentais femininas por opção. Adicionalmente, Graham (2012) salienta ainda o facto

de as crianças das famílias monoparentais femininas por opção, ao contrário das famílias com duas figuras parentais, não experienciarem conflitos entre o casal no agregado familiar.

Retomando a perspectiva psicanalítica, Ceccarelli (2002) argumenta que a “função fálica” ou “o outro da mãe” tem sido cada vez menos desempenhada pelo pai, e que tal pode, de facto, causar grande angústia. No entanto, a angústia tem-se demonstrado infalível e inevitável em qualquer ser humano, dado que cada configuração familiar (monoparental, homoparental, tradicional, adotiva, procriação medicamente assistida, *etc.*) acarreta uma configuração de angústia única e específica. Contudo, isto não significa que uma configuração apresente maior probabilidade patogénica que outra, pois as evidências indicam que esse não é fator determinante. Ainda assim, para Ceccarelli (2002), é necessário que haja algo, ou alguém, que se manifeste como um terceiro elemento, representativo da separação da díade mãe-criança. Apesar de persistir, devido ao patriarcado, a convicção (ilusória) de que esse terceiro seja o pai biológico, esta tem vindo a decair precisamente devido à ascensão das novas configurações familiares. Não obstante, nos últimos tempos assistimos a um aparente (mas vagaroso) declínio do patriarcado, conseqüente da emancipação da mulher e de um reconhecimento dos direitos das crianças que, por sua vez, abrem caminho para as tais famílias não tradicionais, abandonando-se assim, e cada vez mais, a visão tradicional e conservadora da função paterna (e função materna) (Fiorini, 2015). Para alguns autores, o abandono deste conservadorismo representa a queda de um vínculo entre a função paterna e a ordem simbólica da mesma que, alegadamente, não podem ser dissociáveis (Fiorini, 2015). Paradoxalmente, o papel do feminino sempre representou (e representa) algo irrepresentável - quer da ordem da idealização, quer do seu oposto, da desvalorização (Fiorini, 2018).

O terceiro elemento a que Ceccarelli apela é uma noção que foi sendo concebida desde os primórdios da psicanálise. Ao considerarmos o Complexo de Édipo como Freud (1910/1981; 1923a/1981; 1924/1981) o descreveu, consideramos, portanto, três elementos: a

criança; a mãe; o pai. É através do processo edípiano que a criança edifica a primeira configuração psíquica, acedendo aos objetos de desejo, assim como aos de identificação. A criança compete contra um pelo outro; compete com o objeto de identificação pelo objeto de desejo. É também aqui que se impõe a instância do Superego, na sua forma ainda arcaica. Neste cenário edípiano, o pai é aquele que impõe o desagregamento da criança à mãe, e é a figura autoritária que permite que a criança aceda à triangulação, um construto fulcral neste estudo. A posição triangular, ou seja, *Thirdness* (em português, terceiridade), origina-se no momento edípiano em que a criança se vê numa relação com outro, e vê uma relação entre dois outros (Britton, 1989). A triangulação é, portanto, possibilitada pelo acesso ao terceiro elemento, o outro que não mãe. É a criação de um espaço triangular relacional, que permite ao sujeito ver para além de si, e para além da relação com a mãe. É o reconhecimento do exterior e a capacidade de se relacionar com o outro, assim como a capacidade de conceber relações entre os outros.

Devido ao aumento de famílias monoparentais femininas por opção, a problemática atual levantada tem demonstrado preocupações face ao bem-estar e ao ajustamento psicológico das crianças de famílias não tradicionais. Isto por não corresponderem às ideologias destas famílias, compostas por um casal heterossexual com filhos biológicos, crescendo sem a presença de uma figura parental. Tanto quanto foi possível apurar, não existe nenhum estudo de vertente psicanalítica pretenda responder a esta problemática, e que investigue o acesso à triangulação e ao Complexo de Édipo por parte das crianças de famílias monoparentais femininas por opção.

Revisão de Literatura

Complexo de Édipo e Identificações

Em 1905, Freud (1905/1981) retoma o controverso tema da sexualidade infantil, e postula que os impulsos sexuais se encontram presentes desde o início da vida, ainda que só observáveis a partir do terceiro/quarto ano de vida. Posteriormente, e de forma progressiva, os impulsos serão recalçados por circunstâncias específicas ou interrompidos pelo acesso do sujeito ao desenvolvimento sexual, voltando a surgir na altura da adolescência (Freud, 1905/1981). É sensivelmente no mesmo período em que o desenvolvimento psicosexual se torna observável que o instinto do saber desperta (Freud, 1905/1981). Com ele, instaura-se a grande questão (Freud, 1905/1981, 1908/1981): de onde vêm os bebês? A criança, que reconhece desde cedo a existência de dois sexos biológicos, não reconhece, no entanto, que os órgãos genitais são diferentes entre eles. A aprendizagem de que a mulher não possui um pênis é, para o menino, alvo de grandes conflitos, aquilo a que Freud denominou de Complexo de Castração. Já no caso das meninas, Freud considerava que as diferenças genitais eram aceitas pelas mesmas sem dificuldade nem surpresa, mas que a ausência do pênis na mulher originava a inveja do pênis e o desejo de ser um menino. Mais tarde, Freud (1908/1981) reformula a sua teoria, e acrescenta que a mulher também “sofre” do Complexo de Castração. Considera que tanto as crianças do sexo masculino como do feminino acreditam que, originalmente, as mulheres têm um pênis, mas que, a dada altura, foram castradas.

Freud (1905/1981) conceptualizou as duas primeiras fases do desenvolvimento psicosexual infantil, cada uma representante de uma diferente fixação da energia libidinal. Na primeira, a fase oral (desde o nascimento ao primeiro ano de vida), a atividade sexual ainda não se encontra separada do primeiro objeto que nutre o bebê (o seio). Na segunda, a fase anal (entre o primeiro e o terceiro ano de vida), verifica-se uma oposição de duas

correntes, uma ativa e uma passiva, correspondentes, respetivamente, à expulsão e à retenção das fezes através do controlo do ânus. Quase duas décadas depois, Freud (1923a/1981) conceptualiza a terceira fase: a fase fálica, que surge no auge do desenvolvimento da sexualidade infantil. No entanto, apenas os meninos passariam por esta experiência, sendo que as meninas experienciariam a primazia fálica (Freud, 1923b/1981). Coincidentemente com o desenvolvimento da fase fálica, desenvolve-se o Complexo de Édipo, o fenómeno primordial da sexualidade infantil (Freud, 1924/1981). A menção a este complexo era já frequente desde há mais de uma década nos escritos de Freud, muitas vezes descrito como ‘complexo nuclear’, mas foi em 1910 que a expressão “Complexo de Édipo” foi formalizada pela primeira vez (Burgner, 2020). Freud (1910/1981) descreve que para o menino, a mãe torna-se alvo de todo o seu investimento psíquico, e tal reverte-se num sentimento de rivalidade para com o pai. A menina, ao perceber que não pode ocupar o lugar do pai nem relacionar-se com a mãe por não ter um pénis, passa a desejar relacionar-se com o pai e ter um bebé dele (Freud, 1924/1981).

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1981) abre portas para o início do desenvolvimento teórico a respeito do Complexo de Édipo, considerando que os sonhos da idade adulta contêm material infantil recalcado, e que este se manifesta nos sonhos através do simbolismo. É aqui que o Complexo de Édipo é conceptualizado como uma estrutura inconsciente e universal. Contudo, a fase fálica é interrompida por proibições parentais e sociais. Ao aperceber-se da impossibilidade de cumprir os seus desejos edipianos, o Ego recalca o Complexo de Édipo, possibilitando a formação do Superego e a passagem para o período de latência, termo empregue originalmente por Fliess e retomado por Freud (1924/1981). Este período corresponde a um estágio de inibições que interrompe os instintos sexuais, a que denominamos Id, e promove a origem de sentimentos de culpa e ideais estéticos e morais. Os impulsos sexuais, apesar de temporariamente suprimidos, passam então

a ser percebidos como algo perverso e como causa de insatisfação, o que reforçará os sentimentos de culpa, repugnância e vergonha, assim como a solidez dos ideais morais (Freud, 1905/1981). Por sua vez, estes ideais são produto da substituição dos investimentos libidinais parentais pelas identificações primárias, que darão então origem ao Superego. (Freud, 1924/1981).

Dediquemo-nos um pouco ao conceito psicanalítico de identificação. Para Freud (1917/1981), a identificação é uma etapa que antecipa a escolha objetal em que o ego escolhe um objeto, e deseja incorporá-lo em si. Na identificação narcísica, a catexia objetal é abandonada, e na identificação histérica esta permanece. Nas neuroses de transferência, é a demonstração de que se tem algo em comum com o objeto, podendo significar amor. Na melancolia, o sujeito incorpora o objeto oralmente, desejando devorá-lo, regressando à fase oral do modo de relacionamento com o objeto. A identificação, em psicanálise, foi definida por Laplanche e Pontalis (1990) como um:

Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspeto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. (...) abrange na linguagem corrente toda uma série de conceitos psicológicos, tais como imitação, *Einfühlung* (empatia), simpatia, contágio mental, projecção, etc. (p. 197)

As identificações estão intimamente relacionadas com a estrutura edipiana, pois é através da substituição das catexias objetais pelas identificações que a criança introjeta no Ego as imposições morais impostas pelo pai aquando a proibição do incesto, e desenvolve-se assim o Superego, na sua forma ainda arcaica. Este atua como uma entidade moral, um ideal do Ego, que se opõe aos desejos e impulsos do Id, e será papel do Ego regular e gerir estas tensões de acordo com o princípio da realidade e com as imposições do dia a dia (Freud,

1923a/1981). Estas primeiras identificações, são aquilo a que chamamos identificações primárias, e é graças a elas que a criança é confrontada com os conflitos do Édipo; a mãe e o pai tornam-se, alternadamente, objeto de amor mas também de rivalidade (Freud, 1924/1981). Uma identificação primária é, portanto, um modo primitivo de constituição do sujeito. Encontra-se interligado com uma relação característica da fase da oralidade, e não se estabelece como consequência de uma relação com um objeto independente e prévio, como as identificações secundárias. É normalmente associada à relação mãe-bebé, em que o bebé incorpora os elementos da mãe, antes sequer de a reconhecer como um objeto total.

A teoria do Complexo de Édipo tem sido adaptada ao longo dos anos, com contribuições indispensáveis de mencionar, nomeadamente as adições de Melanie Klein. Seguindo o pensamento pós-freudiano, Klein (1928) veio reformular e acrescentar que as tendências edípicas emergem por frustrações durante o primeiro e o segundo ano de vida da criança, tornando-se o Complexo de Édipo mais evidente e marcante entre os três e os cinco anos, devido às tensões entre as fases pré-genitais e a fase genital. Incorporou também a cena primitiva e as fantasias das crianças a ela associadas no Complexo de Édipo, e a este conjunto deu o nome de “situação edípica”. Klein (1926, 1945) revolucionou as ideias do seu antecessor ao estabelecer que estas fantasias acontecem, na verdade, mais cedo que Freud conceptualizou, e que se demarcam pelos seus conteúdos agressivos face à cena primitiva e ao corpo da mãe. Ao desenvolver a teoria das relações de objeto (Klein, 1935), postula que a criança, nos primeiros meses de vida, relaciona-se tanto com objetos reais como com as representações mentais que faz dos mesmos. A primeira relação de objeto dá-se com o seio da mãe, uma relação parcial pois não incorpora a totalidade do objeto (a mãe). Durante esta fase, a criança encontra-se na posição esquizo-paranóide, caracterizada por frustrações derivadas da clivagem do seio - o seio bom, que alimenta e nutre, mas que é também mau quando não o faz - precisando de se defender das ansiedades persecutórias advindas. Para

Klein, as relações de objeto são aquilo a que chamamos, e a que Freud chamou, identificações (Rustin, 2023).

É durante a posição esquizo-paranóide que a criança desenvolve o mecanismo de defesa que Klein (1946) nomeou de identificação projetiva. Os impulsos agressivos da criança direcionados para a mãe, que durante esta fase é percebida como uma extensão do seio, são predominantemente orais, mas também anais e uretrais, através da expulsão de substâncias vistas como “perigosas”. No entanto, partes do Ego são também projetadas para “dentro da mãe”, e é através destes processos que a criança sente que controla e que se apodera do objeto primário, passando este a ser percebido como um Ego mau. No entanto, estas projeções contêm também partes boas do Ego que são projetadas na mãe, pois as tais substâncias expelidas são também um simbolismo de presenteamento. Quando estas “boas” projeções são excessivas, o bebê sente que as perdeu, e o objeto primário torna-se o ideal do Ego. O bebê passará então a conceptualizar os objetos externos como o seu ideal do Ego, dependendo destes para manter as partes boas perto de si e poder perceber-se a si próprio como tendo partes boas. Além disso, a criança pode sentir também que perdeu a capacidade de amar, pois apenas ama os objetos que representam as partes boas do seu Ego.

Num desenvolvimento saudável, o Ego começa inevitavelmente a integrar a inerente dualidade do mundo, reconhecendo a realidade externa e a realidade psíquica. É, portanto, no segundo trimestre do primeiro ano de vida que a criança entra então na posição depressiva (Klein, 1928, 1946). Os objetos parciais são agora integrados num único e total objeto. A criança percebe então que o objeto que ama, é, simultaneamente, um objeto causador de angústia, e introjeta o objeto total. Isto reflete-se em fortes sentimentos de culpa, pois as projeções são agora percebidas como sendo dirigidas ao objeto e não ao Ego, assim como uma fortificação do medo de perda do objeto (Klein, 1946). Diferindo de Freud, Klein defendia que as relações de objeto, ou identificações, iniciavam-se durante a infância, mas

que continuariam a acontecer durante toda a vida do sujeito, e que a ansiedade, o amor e a confiança, ou o ódio e o medo, experienciados pela criança afetariam profundamente as identificações da mesma (Klein, 1946; Rustin, 2023). Klein (1946) divergiu também da conceptualização de Fairbairn que considerava que apenas o objeto mau era internalizado, e que a introjeção do seio bom tinha grande significância para o desenvolvimento do Ego e para as relações de objeto.

Por sua vez, Bion (1962/2003, 1967/2003) adaptou a teoria de Klein, considerando que a clivagem do bom e do mau seio não seria suficiente para a formação psíquica da criança, formulando assim a função alfa - função necessária para a *reverie*. Esta última é então a capacidade da mãe de tolerar as projeções do bebé, um estado anímico aberto à receção de qualquer emoção do objeto amado. Salientou que a incapacidade de o fazer com amor pelo bebé e/ou pelo pai, resultaria numa identificação do bebé com um objeto desprovido da capacidade de compreensão. A função alfa atuaria então como um terceiro elemento que sustentaria a relação entre a mãe e o bebé.

Klein interligou fortemente a relação entre o Complexo de Édipo e a posição depressiva, aludindo para o seu desenvolvimento em simultâneo através de uma relação recíproca. Britton (1992) realça que Klein reconheceu a integração da posição depressiva como necessária para a construção da capacidade de simbolização, mas foi Segal (1957, cit. por Britton, 1992) quem a teorizou como sendo crucial para ultrapassar a posição depressiva. Como mencionado anteriormente, é durante o desenvolvimento desta posição que o bebé experiencia, pela primeira vez, sentimentos de perda e de culpa, desenvolvendo assim a função simbólica e a capacidade de reparação (Klein, 1946; Steiner, 1992). O bebé passa a reconhecer o objeto de uma diferente forma, pela consciência da continuidade do objeto no tempo e no espaço (Britton, 1992). Inevitavelmente, tal resulta no reconhecimento de que esse mesmo objeto se relaciona com outros, e o Complexo de Édipo exemplifica essa mesma

consciência (Britton, 1992). A criança reconhece agora o objeto de identificação primária no seu todo, mas reconhece também que este se relaciona com outros para além de si. Este novo conhecimento adquirido, resultante da interligação entre a posição depressiva e o Complexo de Édipo, resultará na capacidade da criança se posicionar em relação aos outros (ao invés de si) e diferenciar os objetos por gerações e por sexos (IPSO, n.d.).

Sapichin (1999) argumenta que é a capacidade de diferenciação entre gerações que possibilita o acesso à triangulação edípica. Na verdade, ao desenvolver a teoria da sexualidade infantil, Freud (1905/1981) deixa implícita a ideia de que o Complexo de Édipo impõe à criança a distinção entre as diferenças geracionais e de sexo entre si e os pais. Na estrutura edípica clássica, a criança percebe que não pertence à relação adulta e reconhece que o objeto com o qual se identifica é diferente do objeto que é alvo de rivalidade. Esta diferenciação surge como consequência da castração imposta pela figura paterna, que introduz à criança o condicionamento no acesso aos interditos e a proibição dos desejos incestuosos (Hook, 2006). O conceito de castração foi distinguido por Lacan (1966/2006) de acordo com as três vertentes da realidade psíquica por ele desenvolvidas: real; simbólica; imaginária. A castração no seu significado simbólico refere-se, portanto, a um sentimento de incompletude, a algo que o indivíduo sente que está em falta, assim como à imposição de limites e regras. Encontrando-se então intimamente ligada com o Complexo de Édipo, a castração simbólica representa a quebra entre a díade mãe-criança (Fiorini, 2018). É neste sentido que o Complexo de Édipo se torna mais que uma experiência individual vivida apenas pela criança. Através do acesso à estrutura edípica, são invocadas fantasias primárias que funcionam como padrões que estruturam a vida imaginativa da criança, assim como várias componentes que se encontram integradas na situação triangular tradicional (tais como a castração e a cena primitiva) (Laplanche & Pontalis, 1973).

Triangulação

Mahler (1974) reconhecia a necessidade da criança se separar da mãe para atingir a autonomia e a individuação. Foi ao compreender que o nascimento biológico da criança não coincidia com o nascimento psicológico da mesma que formulou a teoria da separação-individuação. Esta teoria descreve o processo intrapsíquico e universal no qual a criança se torna numa entidade separada e individual, com a sua própria identidade. Entre os quatro/cinco meses e os 10 meses, o bebé é capaz de distinguir entre a mãe e outras pessoas. Tal não será suficiente para quebrar a díade simbiótica. Entre os 18 e os 22 meses, desenvolve uma ambigüência, ora deseja a mãe, ora deseja afastá-la. Novamente, não será suficiente para invocar a separação-individuação. As duas condições necessárias para aceder à separação-individuação seriam, portanto, a utilização sociobiológica da mãe pelo bebé, e a presença da disponibilidade emocional da mãe após a fase simbiótica. Mahler (1974) postulou que o processo de autonomização da criança resultava dos próprios movimentos de afastamento e aproximação da criança da mãe, e vice-versa.

A introdução de um terceiro elemento surgiu com Lacan (Benjamin, 2018). Tendo o simbolismo um grande peso nas teorias lacanianas, o autor concebeu o inconsciente como “o discurso do outro” (“*the unconscious is the discourse of the other*”) (Lacan, 1975/1988). Com isto quis dizer que o inconsciente se constitui fora do sujeito, através da Ordem Simbólica à qual pertence a linguagem (e outros sistemas simbólicos), e que, desta forma, todos os sujeitos partilham este terceiro elemento simbólico que se forma - o Outro. É desta forma que, através de uma relação dual, se acede à intersubjetividade. As figuras de autoridade, as regras e a lei são também, para Lacan, simbolismos assumidos e partilhados pela sociedade. Lacan (1978/1988) argumenta que o pai, na sua ordem simbólica (“*name of the father*”), desempenha a função de significante da lei e da proibição, nomeadamente a proibição dos desejos incestuosos que estão envolvidos no Complexo de Édipo, mas não só. Green (2005)

reconhece a importância desta conceptualização para a psicanálise, pois foi ao retomar a importância da função paterna pelo simbolismo da mesma que Lacan permitiu que se olhasse para esta para além das fixações edípicas. O Complexo de Édipo deixa de ser a única fonte para as relações triangulares.

É através do Outro e do simbolismo paterno de Lacan que Benjamin (2018) define o Terceiro como uma posição em que o sujeito reconhece o outro também como um sujeito, alguém com outra mente. Este reconhecimento confere ao Terceiro uma tensão entre ser igual mas ser diferente; o outro é um indivíduo, tal como eu sou, mas somos indivíduos diferentes. Ainda, é também a tomada de consciência de que o sujeito pode partilhar sentimentos e intenções com o outro.

Winnicott (1971), ao desenvolver a teoria dos objetos transicionais, ou seja, ao conceptualizar a necessidade da criança de utilizar um objeto (*e.g.* peluche, manta) para sustentar a transição entre a relação simbiótica com a mãe e a separação com a mesma, criou também um espaço triangular. Este espaço funciona como um contentor emocional da criança durante os períodos de separação da mãe, e que se evidencia durante a passagem de uma relação focada no próprio e na mãe, para relações com outros objetos.

Na verdade, a existência de um terceiro elemento é já reconhecida desde o século XVII por filósofos como Descartes - Hipótese do Génio Maligno -, Locke - Teoria Causal da Percepção -, Kant - Idealismo Transcendental - e Hegel - Idealismo Absoluto - (Hanly, 2004). No entanto, Peirce (1903, cit. por Hanly, 2004) foi o primeiro filósofo a conceptualizar o Terceiro como aquilo que nega ou afirma a natureza de um objeto. A *terceiridade*, ou *Thirdness*, seria então a concretização epistemológica do Terceiro, pela capacidade de conhecer e compreender melhor algo ou alguém.

O espaço triangular começou a tornar-se de interesse para os psicanalistas pela sua conceptualização e aplicação na prática clínica (Benjamin, 2018; Britton, 1989, 2004; Green,

2004, 2005; Ogden, 1994, 2004), nomeadamente na transferência e na contratransferência (Hanly, 2004). No entanto, era já uma temática inconscientemente abordada desde os primórdios da psicanálise nos escritos de Freud, de Klein, de Lacan, de Bion e de Winnicott (Coelho Junior, 2016; Green, 2004; Hanly, 2004).

Green (2004) tem por base a filosofia de Peirce (1903) nas suas conceptualizações acerca da *Thirdness*. Alude-nos para a ordem desenvolvimental das relações primárias, em que, inicialmente, a primeira relação do bebé desenvolve-se durante a fase pré-edipiana e contém dois elementos: o próprio e a mãe. Ao aceder aos conflitos do Édipo, o bebé passa a relacionar-se com mais um elemento: o pai. O autor argumenta que não se deverá excluir o papel do pai durante o início da vida do bebé, não só por se encontrar presente (ainda que a relação mãe-bebé detenha exclusividade inicial), mas também por contribuir através do seu amor pela mãe para uma relação suficientemente boa entre esta e o bebé.

Paralelamente à conceptualização da função alfa de Bion (1962/2003, 1967/2003), Green (2004) considera que o papel do terceiro elemento não se encontra diretamente presente na relação do casal, mas na ausência, pela presença de um desses elementos. Acredita também que o Complexo de Édipo é uma estrutura aberta, assumindo que a função alfa da mãe poderá representar o Terceiro. Tal como Lacan (1975/1988, 1978/1988), defende que a situação triangular edipiana é de ordem simbólica, significando isto que o terceiro elemento não terá de ser representado pelo pai, pois para a mãe esse já é invocado simbolicamente pela interligação do pai do seu bebé com as suas próprias identificações primárias (Green, 2004).

Coelho Junior (2016) compara os trabalhos de Green e de Ogden, autor que também se dedicou à temática do Terceiro na psicanálise, diferenciando-se do primeiro no seu estilo e nas suas teorias, mas alinhando-se nos seus interesses teóricos e clínicos. Ao passo que Green focou a sua conceptualização do Terceiro e da *Thirdness* numa linha freudiana da

psicopatologia e metapsicologia, Ogden fala-nos do terceiro analítico na transferência e contratransferência analítica (ainda que Green tenha também abordado as implicações do terceiro na relação analisando-analista) (Coelho Junior, 2016).

Ogden (1994, 2004) desenvolveu o conceito de “terceiro analítico” (“*analytic third*”), sendo este o resultado da interação entre a subjetividade do analisando e a subjetividade do analista, que criam um terceiro espaço, intersubjetivo. Por sua vez, este elemento cria também o analisando e o analista, influenciando a forma como se relacionam através de um terceiro inconsciente subjetivo que se gerou através dos dois. Este autor teve como base conceptual a teoria de Winnicott (1971) do espaço-transicional (Coelho Junior, 2016).

Torna-se importante ressaltar que a escola francesa utiliza o termo triangulação, ou *Thirdness*, ou *Third*, e a escola americana refere-se, do mesmo modo, à intersubjetividade (Britton, 2004). A verdade é que ambos os conceitos, ainda que com nomes diferentes, referem-se sensivelmente ao mesmo, e têm por base a escola britânica kleiniana (Britton, 2004). O mesmo autor definiu a *Thirdness* como o momento em que a criança se vê em relação com outro e vê uma relação entre dois outros, sendo que tal origina-se durante o Complexo de Édipo (Britton, 1989).

Funções parentais

De facto, quando consideramos a estrutura de uma família nuclear, são atribuídos papéis a cada um dos três vértices do triângulo que constituem o Complexo de Édipo (mãe, pai, criança), e tais papéis, ao interagirem entre si, serão internalizados e serão parte integrante da personalidade (Laplanche & Pontalis, 1973). Coloca-se então a seguinte questão: se a atribuição de papéis com conteúdos edipianos é um processo inerente a todas as famílias, pois assumimos que toda e cada criança experiencia os conflitos deste complexo,

como é que serão esses papéis e como se organizam em famílias monoparentais femininas por opção?

Na verdade, Green (2004, 2005) considera necessária a existência de um terceiro elemento que se refira a uma estrutura triangular, exatamente por esta permitir que a criança se torne num ser psíquico, mas defende que esta estrutura não tem de ser sempre o Complexo de Édipo. Tal como apresentado previamente, propõe que os próprios objetos internos da mãe poderão funcionar como um Terceiro para a criança, e nomeia esta conceptualização “o outro do objeto”. Fiorini (2015) difere de Green, pois ainda que o segundo reconheça a não obrigatoriedade do terceiro elemento por parte do pai, atribui-o ao restante elemento da estrutura edípica (a mãe), e diz-nos que se a função paterna é, como o nome indica, uma função, então essa não implica a exclusividade do desempenho da mesma pelo pai, e considera que tanto poderá ser desempenhada pela mãe, como por qualquer outra figura. Afirma que se se verificar uma presença constante e disponível do pai, assistimos a um movimento de desempenho da função paterna por parte do mesmo; se se verificar uma ausência dessa figura, a função paterna pode ser adotada por qualquer outra figura, por exemplo, a mãe.

Benjamin (2018) pressupõe que o Terceiro só poderá funcionar como representação do funcionamento simbólico e figura de identificação se existir previamente uma relação do mesmo com a criança, assim como uma abertura na díade mãe-bebé para que essa relação exista, caso contrário, o Terceiro atuará como um invasor. A autora esclarece-nos que o terceiro elemento tem de ser partilhado, e que não é obrigatoriamente desempenhado pelo pai. Nega, portanto, a perspectiva freudiana do pai como a figura de castração e de proibição. Tal como Green (2004), Benjamin (2018) considera que a capacidade da criança de conceptualizar o Terceiro pode perfeitamente depender da capacidade da mãe. Ao ser capaz de criar o tal espaço entre a díade, cria então abertura para a sua própria subjetividade, através

da consciência interna e da distinção entre o self e o outro, e é isto que permite à criança conceptualizar o Terceiro.

Como mencionado anteriormente, nas últimas décadas temos assistido a um aumento do número de famílias não tradicionais, nomeadamente ao aumento de famílias monoparentais femininas por opção (Scott et al., 2019). A atual problemática que concerne estas famílias tem-se preocupado com o bem-estar e o ajustamento psicológico destas crianças, questionando-se sobre as consequências de crescer numa família não tradicional que não corresponde aos ideais de um casal heterossexual com filhos biológicos. Ainda que seja um debate corrente, tanto quando foi possível apurar, não existem estudos de abordagem psicanalítica que tentem responder a esta problemática. Nesse sentido, dado que o Complexo de Édipo é uma estrutura universal e basilar para o funcionamento psíquico saudável de acordo com a psicanálise, a presente dissertação tem como objetivo descrever os processos intrapsíquicos das crianças de famílias monoparentais femininas por opção. Estando o acesso à triangulação psíquica profundamente interligado com o desenvolvimento do Complexo de Édipo, é através deste que serão avaliadas diferentes componentes que o constituem. Em particular, será avaliada a existência de diferenciação psíquica, a relação com o Terceiro, as identificações objetais, o acesso aos interditos, os objetos de desejo e os objetos de rivalidade. Procurar-se-á ainda explorar os papéis parentais e como são invocados nestas famílias.

Existe uma escassez de literatura de estudos que associam conceitos psicanalíticos e meta-psicológicos a famílias monoparentais femininas. Até à data, este é o primeiro estudo a explorar o Complexo de Édipo em crianças de famílias monoparentais femininas por opção. Assim, os objetivos principais objetivos são descrever os processos intrapsíquicos das crianças de famílias monoparentais femininas por opção e explorar os papéis parentais destas famílias. Para tal, foram avaliados a diferenciação psíquica, a relação com o Terceiro, as identificações objetais, o acesso aos interditos, os objetos de desejo e os objetos de rivalidade.

Para o propósito do estudo, foram entrevistadas mães e crianças de famílias monoparentais femininas por opção, concebidas através de técnicas de Procriação Medicamente Assistida (PMA) de forma a que não existisse nenhum contacto prévio com o pai biológico. Nas bases de dados das áreas de psicologia, psicanálise e medicina (PsycINFO, PsycARTICLES, SciELO, PePSIC, PEP, PubMed, Scopus, Web of Science, Google Scholar) utilizadas para a pesquisa desta problemática, não foi encontrado nenhum estudo que abordasse a triangulação psíquica em crianças de famílias monoparentais femininas. Não só pela ausência de estudos psicanalíticos e pelo aumento destas famílias nas últimas décadas, esta dissertação é também pertinente pois permite aprofundar o conhecimento acerca do aparelho psíquico das crianças de famílias monoparentais femininas por opção, contribuindo teórica e clinicamente para as abordagens psicodinâmicas face às novas formas de parentalidade e às transformações sociais contemporâneas. Levantam-se as seguintes questões de investigação: Quais as especificidades intrapsíquicas das crianças de famílias monoparentais femininas por opção? Como se caracterizam os conteúdos edípicos e o processo de triangulação? Como se distribuem as funções parentais? Existirão papéis e funções exclusivamente maternas e exclusivamente paternas?

Método

Participantes

A divulgação do estudo foi realizada através de redes sociais (Instagram, LinkedIn, WhatsApp) e grupos e fóruns online. Foram também contactadas 22 clínicas e hospitais com serviços de reprodução e fertilidade, e quatro associações relacionadas com a área em questão. Não se obteve nenhum participante através destes métodos de divulgação. Perante esta dificuldade, recorreu-se a um contacto pessoal. Para participar no estudo, os indivíduos teriam de integrar uma família monoparental feminina por opção, o que significa que apenas mães e respetivos filhos que integrassem esta configuração familiar poderiam participar.

Todas as crianças teriam de ser concebidas através de técnicas de Procriação Medicamente Assistida (PMA) e teriam de ter idades compreendidas entre os seis e os 10 anos. Além disso, a idade de concepção das mães não poderia ser inferior a 25 anos. A amostra é, portanto, não-probabilística e intencional, e foi obtida através do método de amostragem bola-de-neve, significando que os primeiros participantes foram referenciados por uma pessoa intermediária, e os restantes foram, por sua vez, referenciados pelos participantes iniciais. Para a participação no presente estudo, foram obtidos seis contactos, o que resultou num total de 12 participantes: seis mães, e os respetivos filhos.

Assim sendo, a faixa etária das crianças que participaram neste estudo variou entre os seis e os nove anos ($M= 7.4$; $SD= 1.258$), e todos eram filhos únicos. Participaram cinco meninos e uma menina. A distribuição das crianças pelos anos de ensino escolar é a seguinte: duas crianças encontravam-se no ensino pré-escolar, uma no primeiro ano, duas no segundo ano e duas no terceiro ano. A faixa etária das mães variou entre os 41 e os 54 anos ($M= 47.7$; $SD= 4.18$). Todas tinham completado um curso de ensino superior, encontravam-se empregadas e solteiras. O método de reprodução utilizado em quatro dos casos foi inseminação intrauterina, e nos restantes fertilização in vitro. Todos os 12 participantes são portugueses, e vivem em Portugal, no distrito de Lisboa. Na tabela seguinte, encontram-se os dados sociodemográficos das crianças e das mães (Tabela 1).

Desenho e Instrumentos

O presente estudo é do tipo descritivo, qualitativo e transversal. Para o propósito deste estudo, foram utilizados diversos instrumentos. Foi aplicado um questionário sociodemográfico e realizada uma entrevista semi-estruturada às mães. Foi ainda aplicado às crianças o *Children's Apperception Test* e, posteriormente, foi realizada uma entrevista semi-estruturada.

Tabela 1*Dados Sociodemográficos dos participantes*

Criança	Idade	Sexo	Escolaridade	Técnica de Procriação Medicamento Assistida	Mãe	Idade	Escolaridade concluída	Profissão	Estatuto laboral	Estado civil
J	8 anos	Masculino	2º ano	Fertilização In Vitro	Mãe do J	49 anos	Mestrado	Bancária	Trabalhadora por conta de outrem	Solteira
T	7 anos	Masculino	1º ano	Inseminação Intrauterina	Mãe do T	48 anos	Mestrado	Inspetora Tributária	Funcionária Pública	Solteira
M	9 anos	Feminino	3º ano	Fertilização In Vitro	Mãe da M	54 anos	Licenciatura	Guionista	Trabalhadora Independente	Solteira
L	7 anos	Masculino	Pré-escolar	Inseminação Intrauterina	Mãe do L	47 anos	Licenciatura	Responsável de Comunicação	<i>Freelancer</i>	Solteira
P	9 anos	Masculino	3º ano	Inseminação Intrauterina	Mãe do P	47 anos	Licenciatura	Programadora Informática	Trabalhadora por conta de outrem	Solteira (atualmente numa relação)
A	6 anos	Masculino	Pré-escolar	Inseminação Intrauterina	Mãe do A	41 anos	Licenciatura	Especialista em <i>Procurement</i>	Trabalhadora por conta de outrem	

Questionário Sociodemográfico

Foi desenvolvido um questionário de auto-relato com perguntas de resposta curta e de escolha múltipla para as mães preencherem (Anexo 1). Este questionário foi desenvolvido de forma a caracterizar a amostra, com perguntas incidentes em variáveis demográficas (e.g. idade; sexo) e socioeconómicas (e.g. nível de escolaridade concluído; estatuto laboral).

Entrevistas Semi-estruturadas

Foram conduzidas entrevistas semi-estruturadas individuais com as crianças e com as mães. Os guiões foram desenvolvidos de acordo com a revisão de literatura e com os objetivos do estudo, assim como revistos e aprovados pelos supervisores. O guião das entrevistas das crianças (Anexo 2) foi desenvolvido especificamente para este estudo de forma a complementar as respostas e os dados obtidos através do CAT. As entrevistas focaram-se em aprofundar as temáticas das figuras de identificação (“Há adultos importantes na tua vida?”; “Queres falar-me um pouco sobre eles e sobre o porquê de serem importantes?”), da relação com a figura de identificação primária (“Como é a relação com a tua mãe?”) e da configuração familiar (“O que é que achas que distingue a tua família das outras?”).

O guião das entrevistas das mães (Anexos 3 e 4) foi concebido com o intuito de acrescentar informações relevantes às narrativas das crianças, através de uma perspetiva exterior e mais madura, assim como explorar as vivências destas famílias. De forma a envolver as mães nas entrevistas, começou-se por explorar temáticas mais leves e menos recentes, tentando-se seguir uma narrativa cronológica e progressivamente aprofundada. Começou-se por fazer perguntas abertas sobre a forma como tomaram a decisão de ter filhos (“Pode falar-me um pouco sobre a sua decisão de ser mãe”) e sobre as suas redes de suporte (“Quem é que a apoiou e de que formas?”), e foram utilizadas, quando necessário, *prompt*

questions para obter detalhes acerca destas experiências. De seguida, procedeu-se à exploração de temáticas relacionadas com os primeiros anos de vida dos filhos (“Como era a vossa relação durante os primeiros anos de vida?”). Novamente, foram utilizadas *prompt questions* para aprofundar as informações sobre as relações das crianças com os outros, a triangulação, as identificações e o acesso aos interditos. Por fim, para explorar as dinâmicas vivenciadas por estas famílias, foram colocadas perguntas abertas e *prompt questions* acerca das funções e papéis parentais (“Pode descrever-me um pouco sobre a vossa rotina no dia a dia?”; “Como é para si criar uma criança sozinha?”).

CAT - Children’s Apperception Test

O CAT (*Children’s Apperception Test*) é uma técnica projetiva desenvolvida por Bellak e Bellak (1949), para crianças entre os três e os 10 anos. Consiste em 10 imagens que retratam animais em diversas situações. É pedido à criança para formular uma história a partir de cada imagem que lhe é apresentada. A duração média desta tarefa é de 30 minutos. Tal como argumenta Boekholt (1993/2000), o material CAT mobiliza os processos de simbolização. A criança é confrontada com conflitos iniciais de ordem edipiana, e não só. Aqui, invocam-se os afetos, as imagens internas que habitam o seu mundo interior, a agressividade e a excitação, assim como a dependência e a solidão. Permite-nos perceber o seu mundo interno, compreendendo as dinâmicas pulsionais, a sua estrutura psíquica, as suas relações primárias, a forma como se posiciona em relação às figuras femininas e masculinas e a relação com o Terceiro.

Este material encontra-se validado, assentando em pilares robustos que beneficiaram teórica e clinicamente do seu desenvolvimento (Boekholt, 1993/2000). É também um dos testes psicológicos mais utilizados nos Estados Unidos, e encontra-se em diversas baterias de testes psicológicos europeias. Foi profundamente estudado ao longo das décadas, quer de

acordo com a sua mecânica perceptiva (Boulanger-Balleyguier, 1957) como também da diferença nas respostas entre rapazes e raparigas (Bradfer-Blomart, 1970), quer de acordo com a perspetiva psicanalítica original, graças a Chabert (1980) que a reavivou.

Mais recentemente, Xavier e Villemor-Amaral (2013) desenvolveram um estudo que confirmou a validade do CAT na avaliação do funcionamento cognitivo, correlacionando o CAT com o Desenho da Figura Humana (DFH), o Rorschach e os anos escolares, através de indicadores cognitivos. Tal contribui para um avanço na utilização do teste, assim como para possíveis investigações futuras. Ainda, Simon (2017) investigou e propôs um novo método de cotação, assim como um contributo à validade do CAT em si. A utilização do CAT revela-se, portanto, ainda pertinente.

O CAT foi escolhido para o propósito deste estudo por diversas razões. Foi desenvolvido especificamente para crianças entre os 3 e os 10 anos, suscitando com maior facilidade os mecanismos projetivos através da utilização de animais ao invés de humanos (Bellak & Bellak, 1950). As diferentes situações das imagens nos cartões evocam temas relacionados com as problemáticas deste estudo, nomeadamente, a relação com as figuras parentais, não só como indivíduos, mas também como casal, a cena primitiva, alimentação e oralidade, solidão, agressividade e a diferenciação entre gerações e entre sexos.

Tendo isto em consideração, foram utilizadas as 10 imagens do CAT nas entrevistas com as crianças, pois tanto quanto foi possível apurar não existem estudos que validem a aplicabilidade de imagens específicas para avaliar a capacidade das crianças de aceder à triangulação psíquica. Além disso, ao não restringir o número de imagens, obteve-se a maior quantidade possível de conteúdos latentes através respostas ao CAT.

Procedimento

As 12 entrevistas foram realizadas ao longo de um período de 3 semanas, sendo que o tempo médio de entrevista com as mães foi cerca de uma hora e 15 minutos e o tempo médio de entrevista com as crianças foi cerca de 35 minutos. O tempo total das entrevistas foi cerca de 13 horas. Todas as famílias foram entrevistadas presencialmente, num local calmo e seguro. As entrevistas foram gravadas em formato áudio através de um dispositivo eletrónico e com o consentimento dos participantes. Cada uma das mães recebeu um consentimento informado contendo os detalhes e o propósito do estudo, assim como as considerações éticas, nomeadamente a garantia da privacidade e da confidencialidade de toda a informação (Anexo 5). Além disso, o consentimento informado continha duas secções diferentes para as mães assinarem: o consentimento da sua própria participação; o consentimento da participação do/a filho/a. Inicialmente, foi pedido a cada uma das mães para preencherem um questionário sociodemográfico e, de seguida, deu-se continuidade às entrevistas.

As crianças e as mães foram entrevistadas em separado, para garantir a maior autenticidade possível nas respostas. Em cada família, as mães foram entrevistadas em primeiro lugar, de modo a obter informações iniciais relevantes para o momento de entrevista com as crianças e como para criar a maior familiarização possível entre a entrevistadora e as famílias. Em duas das famílias, as mães e as crianças foram entrevistadas em dias diferentes e nos restantes casos ambas foram entrevistadas no mesmo dia. As entrevistas com as mães foram conduzidas de forma semi-estruturada, seguindo as perguntas do guião assim como a exploração de temáticas evocadas no momento. As entrevistas com as crianças iniciaram-se com uma conversa informal que não constou para a análise, de forma a que as crianças se sentissem o mais à vontade possível. De seguida, as entrevistas com as crianças seguiram também uma lógica semi-estruturada, sendo que se aplicou, em primeiro lugar, o CAT de acordo com as diretrizes de aplicação do teste (Bellak e Bellak, 1949; Boekholt, 1993/2000).

Estas incluem a instrução inicial, a apresentação das 10 imagens pela sua ordem numérica e a prova de escolhas na qual a criança elege os seus dois cartões preferidos e os dois cartões de que menos gostou. Por fim, na segunda parte das entrevistas com as crianças foi-lhes pedido para responderem às questões do guião desenvolvido, novamente de acordo com uma estrutura semi-estruturada. A métrica por detrás da ordem das entrevistas com as crianças (aplicação do CAT em primeiro, seguido das questões desenvolvidas) prende-se com a tentativa de não enviesamento das respostas ao CAT por parte das questões do guião. Sendo que as últimas abordam concreta e diretamente as temáticas relacionais e de identificação da criança, realizá-las antes do CAT poderia conotar as respostas às imagens com esses mesmos conteúdos.

Análise de dados

Foi realizada uma Análise Temática (AT) reflexiva, enquadrando este estudo dentro dos métodos de análise qualitativa. Braun e Clarke (2006) realçam a existência de dois campos distintos nos métodos qualitativos: os que se encontram vinculados a uma posição teórica ou epistemológica; os que não se encontram vinculados a tal, e que, assim sendo, podem aplicar-se a diferentes abordagens. A AT reflexiva situa-se no segundo campo, permitindo flexibilidade teórica, mas também informação detalhada. Caracteriza-se por ser uma técnica para identificar, analisar e reportar padrões dentro da informação, e de forma sistemática (Braun & Clarke, 2006, 2023). Por sua vez, esses padrões, a que apelidamos temas, deverão descrever o conjunto de dados em detalhe, assim como relacionar-se com a temática de investigação (Braun & Clarke, 2006). As autoras salientam os três diferentes tipos de Análise Temática: *coding reliability*, em que a conceptualização dos temas e dos códigos é realizada previamente à análise de dados; *codebook*, em que, tal como no anterior, existem temas e códigos definidos *a priori* mas que servem para mapear a investigação,

sendo mais flexíveis; *reflexive*, em que é concebida uma análise indutiva com base na revisão de literatura, através da familiarização inicial com os dados, seguida de uma codificação.

Braun e Clarke (2023) fornecem-nos uma abordagem de seis passos para realizar uma AT reflexiva. O primeiro passo concerne a familiarização dos dados, implicando ler e reler profundamente as entrevistas, assim como fazer anotações, o que permitirá começar a identificar elementos relevantes para a investigação. No segundo passo realiza-se a codificação dos dados, sendo que os códigos identificam características importantes para as perguntas de investigação, podendo ser conceptualizados a um nível semântico ou latente. Os códigos são simples e sucintos, pois funcionam como alavancas para o analista desenvolver os temas, e deverão existir em número suficiente para demonstrar a diversidade e os padrões de significado nos dados. No terceiro passo geram-se os temas iniciais, que numa AT reflexiva serão desenvolvidos através de um processo. Será necessário rever os códigos, juntando-os, separando-os, e por vezes até eliminando alguns, para que possam demonstrar os padrões nos dados de forma significativa e coerente. No quarto passo, revemos e desenvolvemos os temas, considerando-os e revendo-os de acordo com a sua relevância e relação para com os dados, os códigos e a análise geral. O quinto passo envolve a refinação, definição e nomeação dos temas, que serão trabalhados de forma a que cada um tenha foco único, a que não sejam repetitivos e a que respondam às perguntas de investigação. Poderá ser relevante desenvolver subtemas dentro de temas, que destacam aspetos específicos dos dados e aprofundam a análise. Por fim, no último passo produz-se o relatório, formalizando o fim da análise e do processo de escrita dos resultados. A forma como os resultados são escritos deverá demonstrar a conexão e a continuidade entre os temas.

Cada uma das 12 entrevistas foi transcrita e introduzida no *software* MAXQDA 24, omitindo-se nomes e qualquer informação que pudesse identificar os participantes. Neste estudo, cumpriu-se com os delineamentos de uma AT reflexiva, que permite elevada

flexibilidade, análises profundas e verdadeira interação com os significados dos conteúdos. Seguiu-se uma interpretação de nível latente e uma abordagem *bottom-up* na codificação e análise dos dados. Seguiu-se ainda uma abordagem indutiva, assente e guiada pelos dados, e sem uma estrutura teórica prévia. A codificação dos dados foi realizada de forma a procurar os significados latentes nas narrativas dos participantes. A análise de dados realizou-se de acordo com um estilo mais conceptual e interpretativo, derivado dos significados latentes, mas também descritivo, no qual os dados são utilizados de forma ilustrativa. Cada entrevista foi analisada individualmente. O método e os procedimentos da AT reflexiva foram utilizados para ambos os tipos de entrevista (mães e crianças). Quer isto dizer que os dados das entrevistas semi-estruturadas com as mães e os dados das entrevistas semi-estruturadas com as crianças, inclusive as respostas do CAT, passaram por um processo de Análise Temática reflexiva. Os códigos desenvolvidos foram identificados e utilizados tanto nas narrativas das mães como nas narrativas das crianças, não se fazendo distinção na codificação dos dois tipos de entrevista de forma a seguir a mesma linha teórica para todas as análises. Os códigos, temas e subtemas foram identificados com o propósito de compreender os processos intrapsíquicos das crianças de famílias monoparentais femininas por opção e as funções parentais nestas famílias, e, posteriormente, foram revistos e adaptados em colaboração com os orientadores deste projeto.

Resultados

O objetivo do estudo era descrever os processos intrapsíquicos das crianças de famílias monoparentais femininas por opção através do conceito de triangulação psíquica, pela avaliação da existência de diferenciação psíquica, da introdução do terceiro, das identificações objetais e do acesso aos interditos, e explorar os papéis parentais e como são invocados nestas famílias. No total, foram identificados sete temas principais e nove

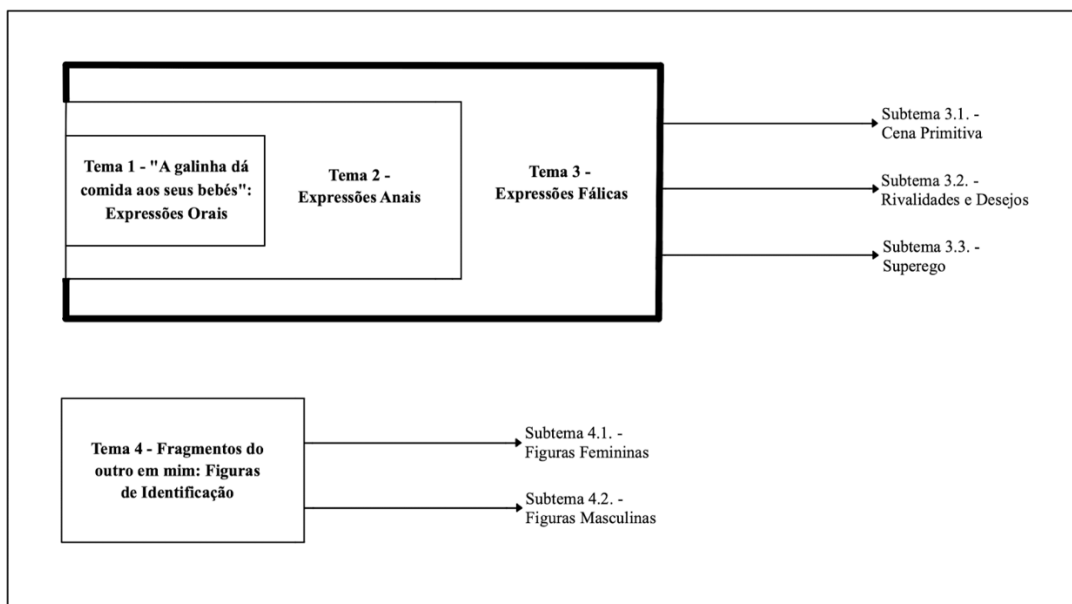
subtemas nas narrativas dos participantes. Foram desenvolvidos temas e subtemas distintos entre as narrativas das crianças e as narrativas das mães, o que resultou em dois mapas temáticos conceituais. Tal justifica-se dado que os dois tipos de narrativas contêm significados diferentes. Por um lado, as narrativas das crianças representam uma perspectiva subjetiva sobre o seu mundo interno. Por outro, as narrativas das mães representam uma perspectiva externa dos filhos, assim como um ponto de vista sobre a parentalidade.

Temas e subtemas das narrativas das crianças

As narrativas das crianças evidenciaram a complexidade psíquica do acesso à triangulação. De forma geral, as crianças identificaram e descreveram os objetos que habitam o seu mundo interno, de que forma o fazem e como se identificam com os mesmos. Através das imagens do CAT, as histórias demonstraram ainda um aprofundamento sobre os modos e expressões relacionais das crianças. Os temas e subtemas identificados nas narrativas das crianças encontram-se representados na Figura 1 e serão desenvolvidos nesta secção.

Figura 1

Mapa Temático (Crianças)



Tema 1 - “A galinha dá comida aos seus bebês”: Expressões Oraís

O primeiro tema identificado nas narrativas das crianças ilustra as expressões da ordem da oralidade, demonstraram a presença da atividade oral. Estes movimentos encontram-se ligados com as representações inconscientes de gratificação ou de frustração do objeto, remetendo para a capacidade de interiorização do bom objeto e para a coesão identitária. De forma geral, as narrativas das crianças com expressões orais associaram-se frequentemente ao objeto de identificação primária que alimenta os filhos.

A satisfação com a comida é representada por T, na resposta ao primeiro cartão do CAT, no qual “A galinha dá comida aos seus bebês logo de manhã. E depois eles saem da mesa a correr e vão brincar para a rua. E depois vão almoçar. Depois no fim comem gelado.” No mesmo cartão, J projeta também a sua satisfação oral numa narrativa simples e sem conflito: “Oh! Fofinhos! Era uma vez uma mãe (...) canguru que ia todos os dias para o pé do rio almoçar com o seu filho mais novo na sua bolsa e o outro na bicicleta.”

Na resposta de P ao cartão sete do CAT, observamos uma certa frustração oral no “(...) tigre a tentar caçar comida, porque está com fome. E tentou uma presa antes, só que foi derrotado por umas pessoas, por uns animais rivais.” Nesta história, o tigre fracassa ao encontrar comida e frustra-se. Já na resposta de M ao mesmo cartão, existe uma frustração resultante da insatisfação e da insaciabilidade com a comida:

Certo dia, uma família de cangurus saiu de casa para ir fazer um piquenique. O irmão mais velho ia de bicicleta e o mais novo ia na bolsa da mãe. Quando chegaram ao bosque, puseram a manta no chão e começaram a comer. Mas quando a mãe se foi embora e deixou a comida para irem com o mais novo à casa de banho, muitas formiguinhas levaram a comida e comeram tudo. Quando a mãe voltou, já não tinham a comida e foram à procura dela. Como não a encontraram, voltaram para casa. Comeram outra coisa, mas o filho mais velho comeu muita, mesmo muita, mesmo

muita coisa. Por isso ficou com dor de barriga. E depois ficou enjoado e depois tiveram de ir ao médico. (M, cartão 7 do CAT)

É importante notar que estas expressões são exatamente isso mesmo: expressões. Tal significa que as crianças não se encontram na fase oral do desenvolvimento sexual infantil, mas que demonstraram a capacidade de se relacionarem de acordo com certas características da mesma. Além disso, através destas narrativas, as crianças demonstram também a capacidade de mobilização de afetos, que se encontram entrelaçados com as expressões relacionais. Quando as temáticas da satisfação oral e, conseqüentemente, da suficiência do objeto são evocadas, observa-se excitação e alegria, tal como nos dois primeiros exemplos. Por outro lado, quando o objeto se demonstra insuficiente ou inalcançável, as histórias fazem-se sentir com agressividade e angústia, como exemplificado nas duas últimas citações.

Tema 2 – Expressões Anais

As narrativas das crianças demonstraram também expressões de acordo com os modos relacionais característicos da fase anal. Sendo esta uma conseqüente desenvolvimental da fase oral na sexualidade infantil, este tema envolve conceptualmente o tema anterior, pois sem as expressões orais não seriam possíveis as expressões anais. As crianças demonstraram a presença de representações psíquicas com temáticas anais, ou seja, movimentos de controlo e retenção, ou, pelo contrário, perda e expulsão.

Na resposta de T ao cartão dez do CAT, é exemplificada uma dinâmica pulsional oscilante de controlo e perda entre as duas personagens: “O cãozinho queria ir fazer xixi. Foi fazer xixi na sanita de homem e depois o homem não reparou e fez cocó na cabeça dele. E depois puxou o autoclismo e ele morreu.” Nesta história, assiste-se a um jogo de poder entre a obediência e a oposição, características das relações objetais predominantemente anais. As narrativas das crianças ilustraram estas movimentações ambivalentes, entre o desejo de

dominar e contrariar o objeto, através do prazer da retenção, e a vontade de se submeter, através do prazer da expulsão. Novamente na resposta ao cartão dez, A representa essa incerteza, dizendo:

Pode ser que eu... É que eu não sei bem que... Uma mamã cão, que disse ao bebé para ele não estar a fazer cocó assim “pumpumpum”. E ele foi fazer. E o bebé foi fazer e “pumpumpum”. E depois o cão... E depois a mamã foi ali dizer “Ai cãozinho, tão mauzinho e tão bonzinho e tão cocózinho”. Isso, pronto.

Num registo mais simbólico, as expressões anais refletem-se também na contenção das crianças nas respostas do CAT. Tal torna-se evidente nas restrições auto-impostas no final das histórias, pela utilização constante de expressões como “Fim.”, “Já está.”, “Isto é uma seca!”, “E viveram felizes para sempre.” ou “Acho que é isto.” Todas as crianças utilizaram estes mecanismos contentores, exceto o participante P. Este tema, tal como o anterior, revela a capacidade das crianças se expressarem e se relacionarem em torno das dinâmicas características da fase anal do desenvolvimento sexual infantil. Uma vez mais, os afetos encontram-se inevitavelmente expressos nas narrativas das crianças. No geral, as narrativas das crianças que corroboram as expressões anais traduzem pulsões agressivas numa tentativa de controlo do objeto.

Tema 3 – Expressões Fálicas

De forma mais notória, as narrativas das crianças caracterizaram-se pelas suas expressões fálicas, já de acordo com os conflitos edipianos. Neste sentido, este tema é então o mais importante e marcante nas narrativas das crianças. Tendo em consideração que a fase fálica do desenvolvimento sexual infantil se encontra dependente do desenvolvimento prévio das fases oral e anal, este tema engloba os dois temas anteriores na sua conceptualização.

As respostas ao CAT e às perguntas das entrevistas com as crianças evidenciaram, pelas suas expressões fálicas, a capacidade de aceder à rivalidade e aos objetos de desejo, assim como aos interditos e à angústia de castração. As temáticas fálicas demonstraram-se diretamente relacionadas com as temáticas da Cena Primitiva (Subtema 3.1.), de Rivalidades e Desejos (Subtema 3.2.) e do Superego (Subtema 3.3.), apresentando-se, portanto, como subtemas do terceiro tema principal. Os afetos encontram-se também aqui representados: pela excitação face aos objetos de desejo; pela zanga sentida nos momentos de rivalidade; pelo medo e pela angústia face à castração; pela culpa e pelo remorso face às imposições superegoicas. Tal como nos dois primeiros temas, este tema não pretende categorizar as crianças por fases, retratando unicamente as capacidades expressivas que são comuns à fase fálica do desenvolvimento sexual da criança.

Subtema 3.1. – Cena Primitiva. As crianças descreveram histórias em que a cena primitiva se impunha de forma evidente: “Tem um quarto com pessoas lá dentro. Na cama.” (L, cartão cinco do CAT); “Então, os pais também decidiram ficar lá a comer e a dormir, e a comer e a dormir. Até que ficou tarde e voltaram para a casota e continuaram a dormir.” (M, cartão seis do CAT). A curiosidade com a cena primitiva é ainda mais visível na resposta de A ao cartão cinco:

Bebés. Apaixonados. A dormir. Já é engraçado. Bebés a apaixonar-se, eles nem sabem o que é, e eles nem sabem o que podem fazer. Não sabem, por isso já é um bocadinho assim engraçado. Com a cama da mamã e um candeeiro.

A compreensão da cena primitiva, tanto quanto uma criança a pode compreender, depende da capacidade da criança de conceptualizar o casal, como evidenciado por J no cartão dez do CAT: “Era uma vez, um casal que estava a beber chá, a contar segredos.”

Associa-se também à capacidade de diferenciar os sexos e as gerações. Um exemplo de uma história que agrega os conceitos da cena primitiva, do acesso aos interditos e da diferenciação de sexos e gerações é a resposta de M ao cartão um:

Era uma vez, três pintos que estavam com muita fome. Então, o mais velho disse à mãe que tinham fome e a mãe fez uma sopa. Quando eles foram começar a comer, alguém bateu à porta. E era o seu vizinho. O vizinho deles. Então a mãe galinha foi abrir a porta e foi falar com o vizinho a casa dele. E quando a mãe voltou, os pintos já tinham acabado de comer a sopa e queriam mais. Então a mãe fez mais e eles comeram tudo. Então a mãe fez mais e eles comeram tudo. E depois ficaram cheios e foram para a cama. Fim!

Aqui, vemos o reconhecimento das diferenças geracionais entre os "três pintos" e a "mãe", assim como as diferenças de sexos entre a "mãe" e o "vizinho". A cena primitiva e o acesso aos interditos sobressaem através da divisão da história em dois planos, que se concretiza pela ausência das duas últimas personagens na cena.

Subtema 3.2. – Rivalidades e Desejos. As crianças revelaram sentimentos de rivalidade para com outros objetos, de modo a tentar concretizar os desejos edipianos. O parricídio simbólico como facilitador do acesso à concretização incestuosa evidenciou-se em algumas das narrativas das crianças, como na resposta de L ao cartão oito: "Era uma vez uma família de macacos em que o seu avô morreu. Porque está aqui um quadro, ou se calhar é do pai." Eliminando as figuras masculinas, a figura materna, neste caso objeto de desejo, encontra-se agora disponível. No cartão três, T evoca novamente a temática do parricídio, colocando duas figuras masculinas em situação de rivalidade: "É o rei leão! É o rei leão! (...)" E depois ele foi andando para a entrada e depois caiu num buraco. E morreu. E depois o elefante foi rei. O elefante é que tinha preparado essa armadilha." De forma mais disfarçada,

J conta-nos no cartão dois a seguinte história: “Era uma vez três amigos que queriam uma corda. Começaram a puxar a corda e... chatearam-se. Porque querem os dois a corda.” Neste caso, a mobilização agressiva face ao objeto com quem rivaliza encontra-se atenuada, assim como a demonstração do desejo, ainda que seja possível observar a dinâmica triangular entre os “três amigos”. A agressividade e a rivalidade são projetadas pelas crianças pois espelham os seus objetos de desejo; no caso dos meninos, as figuras masculinas competem pela figura feminina; no caso da menina, as figuras femininas competem pela masculina. A última situação evidencia-se no cartão oito, ainda que a personagem de identificação seja retratada como sendo do sexo masculino:

Era uma vez, num consultório médico, uma mamã macaca que disse ao seu filho para entrar no consultório, mas ele não queria. Então o médico foi ter com ele e levou-o para dentro do consultório. O macaco estava com medo porque achava que ia tomar uma vacina ou que podia doer qualquer coisa que iam fazer. Mas quando ele entrou lá dentro, ele descobriu que estava tudo bem. E então passou a gostar de ir ao médico e de estar com o seu médico. Mas houve um dia que eles estavam no avião prontos para ir para África. O filho perguntou à mãe “mãe, podemos ir ao médico?”, mas a mãe respondeu que não, porque no avião não havia médicos. Pelo menos consultórios não havia. Então o filho ficou triste e chorou, chorou e chorou. E meio que passou o resto do dia assim. (M)

Subtema 3.3. – Superego. As narrativas das crianças evidenciaram a presença da instância superegoica, que se instaura durante a fase fálica do desenvolvimento sexual infantil no confronto com a castração. Tornou-se evidente a presença da angústia de castração nas narrativas de todas as crianças. Originando-se como consequência das proibições em relação ao objeto de desejo, esta angústia expressa simbolicamente a renúncia do objeto incestuoso,

assim como um sentimento de incompletude. A resposta de L ao cartão um ilustra este sentimento: “Pronto, são galinhas. Não têm patas.”

Evidenciando a internalização das proibições, as crianças mostraram também o acesso às imposições do seu superego arcaico:

E a mãe voltou a dizer “O que é que eu tinha dito? Disse para esperar antes de comer!” E o pai não ouviu, porque estava a ler o jornal, e provou. E gritou “Ai, está quente!” E a mãe ficou chateada e gritou “Estás a gozar comigo, não estás? Tens que dar exemplo”. (M, resposta ao cartão quatro)

Já no cartão dez, A conta-nos a história de uma mãe que ralha com o filho e que diz: “E depois a mamã foi ali dizer ‘Ai cãozinho, tão mauzinho!’” Os participantes demonstram então a compreensão da proibição, assim como a idealização de um ego que segue as condutas morais e éticas. Ao internalizarem e preservarem as figuras parentais e as proibições incestuosas, as crianças demonstram nas narrativas a representação dessas mesmas figuras nas respostas do CAT, tal como na resposta de L no cartão oito: “(...) a irmã e o irmão estavam no sofá. E a mãe estava a contar que não se podia fazer uma coisa.”. É ainda curioso que a figura impositora é frequentemente representada pela mãe.

Tema 4 - Fragmentos do outro em mim: Figuras de Identificação

As respostas aos cartões do CAT e as perguntas da entrevista permitiram identificar o quarto e último tema das narrativas das crianças que destaca as identificações objetais. As crianças apresentaram diversos movimentos identificatórios relativamente às pessoas que fazem parte das suas vidas. Tendencialmente, identificaram-se mais com adultos que com outras crianças. No geral, as figuras femininas encontram-se mais presentes, em particular as mães, mas as crianças reconhecem e incorporam também os traços masculinos, mesmo sem a presença de uma figura masculina em casa. As diferentes representações, mentais e reais,

entre o feminino e o masculino foram identificadas como subtemas nas narrativas das crianças: “Figuras Femininas”; “Figuras Masculinas”.

Subtema 4.1. - Figuras Femininas. As figuras femininas encontram-se muito presentes nos discursos destas crianças. As crianças demonstraram ter um contacto muito próximo com pessoas do sexo feminino, não só com as mães como também com outros familiares ou com pessoas próximas das mães. Identificaram frequentemente estas figuras nas entrevistas, assim como nas respostas ao CAT, sendo que a mãe e a avó foram as figuras mais identificadas nas narrativas. J evidencia-o na sua resposta ao cartão um, onde diz “Era uma vez uma mãe que estava com os seus pintos a tomar um pequeno-almoço.” Na resposta ao cartão oito, L identifica também diversas figuras, entre as quais a avó: “Este é o bebé, esta é a filha, este é o filho, este é o pai e esta é a avó.”

Mais que figuras identificadas pelos participantes, são também figuras de identificação. Quer isto dizer que todas as crianças demonstraram identificar-se com estes objetos femininos que habitam o seu mundo interno. Nas entrevistas que se seguiram à aplicação do CAT, cinco das seis crianças reportaram que a pessoa com que mais se identificam é a mãe. Curiosamente, mesmo quando os atributos físicos entre as mães e os filhos eram consideravelmente diferentes, as crianças consideravam-nos como parecências. Algumas mencionaram a importância de outras figuras femininas, nomeadamente T, que salienta, além da mãe, “a avó, a prima, a tia e a madrinha” como pessoas importantes para si. No entanto, a associação da figura materna à representação da figura feminina foi, sem dúvida, a mais frequente de todas as representações. O objeto de identificação primária é, portanto, o objeto principal de identificação para estas crianças. De um modo geral, as figuras femininas aparecem representadas nas narrativas das crianças como figuras cuidadoras, seguras, reconfortantes e confiáveis.

Subtema 4.2. - Figuras Masculinas. Ainda que não tão manifestamente quanto as figuras femininas, as figuras masculinas desempenham também o seu papel na vida destas crianças, e tal evidencia-se nas suas narrativas. As representações destas figuras encontram-se presentes no contacto com avôs, tios, pais de amigos e amigos das mães, e isto mostrou-se evidente nas respostas às perguntas após a aplicação do CAT. A maior parte das crianças referiu familiares como “o tio”, “o primo” e “o avô” como sendo pessoas importantes para si.

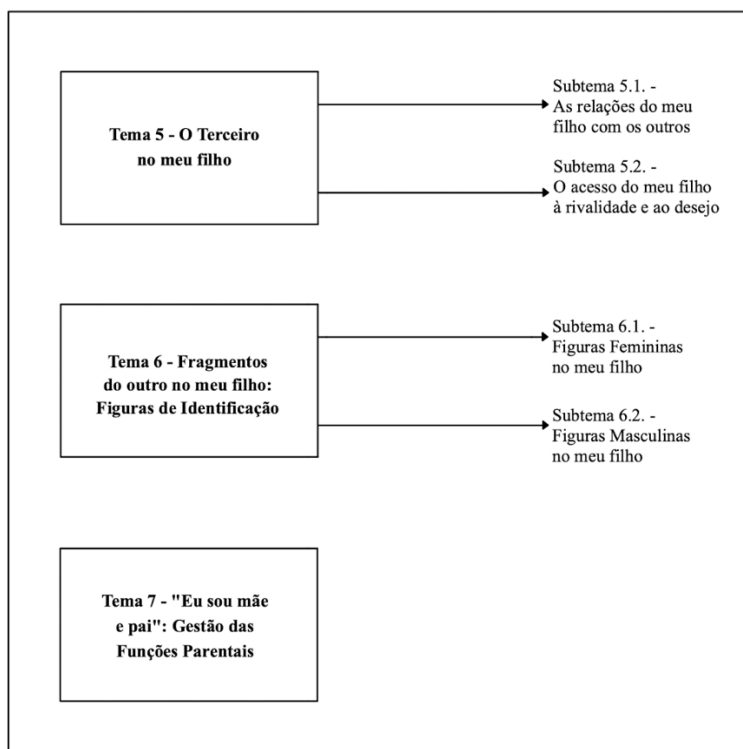
Todas as crianças mencionaram nas suas narrativas figuras masculinas. Nos cartões do CAT, as figuras masculinas foram frequentemente associadas a figuras de autoridade e poder, como ilustrado na resposta de “L” ao cartão três: “O leão no trono. Porque o leão é o rei dos animais. Então, é um leão no trono, com uma bengala.” As crianças associaram também as figuras masculinas a figuras paternas, como exemplifica “M” na resposta ao cartão dois, na qual “(...) o pai e o filho foram atrás da mãe e agarraram na corda.” L reportou que a pessoa com quem mais se identifica é o pai de um dos seus amigos. Tal revela as capacidades identificatórias destas crianças face a figuras que não se encontram presentes no agregado familiar e que não são do mesmo sexo que o objeto de identificação primária.

Temas e subtemas das narrativas das mães

As narrativas das mães evidenciaram as suas perspetivas sobre a forma como os filhos se relacionam com os outros e interiorizam o mundo. As mães descreveram as suas relações com os filhos, assim como as relações dos filhos com pessoas que consideram ser importantes para eles. Além disso, partilharam ainda sobre a sua rede de suporte e os seus desafios na parentalidade. Os temas e subtemas identificados nas narrativas das mães encontram-se representados na Figura 2 e serão desenvolvidos nesta secção.

Figura 2

Mapa Temático (Mães)



Tema 5 – O Terceiro no meu filho

As mães relataram de forma recorrente a presença de relações de objeto dos filhos além da relação com o objeto de identificação primária. Demonstraram que os filhos são capazes de estabelecer relações significativas com pares e com outros adultos. Revelaram ainda a existência de fases mais conflituosas na relação primária, sendo que algumas mães consideram ter sido durante os três e os quatro anos, e outras consideram entre os seis e os nove anos. A capacidade de frustração e zanga face ao objeto de identificação primária e consequente aproximação de outras figuras demonstram a integração do Terceiro no mundo interno da criança. Face a um destes conflitos, a Mãe de J conta-nos a seguinte interação: “Ele já me disse ‘Eu não posso ir viver para a casa da avó?’ E eu disse ‘Não, a mãe sou eu.’ E ele dizia assim ‘Ah, mas a avó é muito mais querida.’”

As narrativas das mães transpareceram o reconhecimento das crianças do mundo exterior, a capacidade se relacionarem com os outros e de reconhecerem as relações entre os

outros. De forma a ilustrar estas relações, foram desenvolvidos os seguintes subtemas: “As relações do meu filho com os outros”; “O acesso do meu filho à rivalidade e ao desejo”.

Subtema 5.1. – As relações do meu filho com os outros. As mães abordaram a forma como as crianças estabelecem ligações com os outros. No geral, todas identificaram boas capacidades relacionais nos filhos, assim como fortes ligações a pessoas específicas:

Eu tenho uma fotografia algures, que no fim do ano fizeram um placar com os vários desenhos dos meninos todos da sala. O P, em vez de fazer um desenho, fez assim catafunhos a dizer que eram os nomes da família toda.” (Mãe do P)

Por outro lado, outras mães reconheceram a existência de relações conflituosas ou menos próximas dos filhos com outras pessoas. Estas relações estabelecem-se, por exemplo, com pares, familiares, pais dos amigos, e até um segurança da escola, como retrata a Mãe do J:

Por exemplo, agora lá no colégio há um segurança que gosta muito de se meter com ele. Eles são todos super simpáticos, mas há um que se mete mais, ou pela forma, que ele não gosta. (...) E quando ele não gosta, é por mais evidente. Porque ele fica super refilão e a fazer assim um ar assim mesmo de estilo... Nojo. Sem filtro. “Eu não quero nada. Não quero nada.” (...) Pronto, e agora ele apanhou um boneco que ele tem, que ele chama o macaquinho. E puxa, não sei o quê, rasgou, rasgou, descoseu uma parte. Bem, então a partir de agora, o senhor ficou riscado da lista.

As mães demonstraram as preferências relacionais dos seus filhos, o que reflete a energia libidinal dirigida a cada objeto em particular. Por um lado, as crianças demonstram afetos como amor, alegria e excitação com os objetos com quem desenvolveram uma relação forte. Por outro, expressam as suas preferências relações através da angústia, do ressentimento e da zanga em relação àqueles com quem não se quer relacionar. São estas

movimentações que pintam o mundo interno da criança com todo o tipo de objetos, permitindo um funcionamento psíquico saudável.

Subtema 5.2. – O acesso do meu filho à rivalidade e ao desejo. Mais que preferências, as mães identificaram também os objetos de desejo e de rivalidade dos filhos. Ao escolher investir num objeto, a criança automaticamente rivaliza com outro. É, portanto, a concretização da estrutura edipiana clássica, na qual ao identificar-se com um objeto, compete com este por desejar o mesmo objeto que este. No caso dos meninos, a competição pela figura materna evidenciou a abertura psíquica da criança à conceptualização do casal:

Há uns tempos ele perguntou-me “Oh mãe, tu gostavas de ter um namorado?”

“Gostava.” “Então e porque é que não tens?” “Porque ainda não apareceu, há de aparecer um dia.” “E tu vais gostar mais dele?” “Não, são amores diferentes.” (Mãe do J)

A Mãe de L revela ainda, de forma muito explícita, a escolha objetal do filho e os desejos incestuosos: “Porque ele diz que se quer casar comigo, que não se vai casar com ninguém. Ele diz ‘Vou-me casar contigo e vou ter filhos contigo.’” No caso da menina, assistimos na narrativa da Mãe da M a uma escolha objetal da figura masculina, conseqüente da identificação com o objeto primário: “(...) com amigos, ela é muito mais dengosa, ou seja, ela tem instintivamente atração, mais por amigos do que por amigas.”

As narrativas das mães parecem demonstrar nos filhos a conceptualização do Terceiro pelo acesso à rivalidade e ao desejo. As mães relataram alguns comportamentos específicos de rivalidade dos meninos com outros homens, por exemplo, impedir que a avó dê a mão ao companheiro ou não querer que a mãe fale ao telemóvel com outras pessoas. A Mãe de A, que se encontra atualmente numa relação afetiva, diz-nos o seguinte:

Por exemplo, se eu lhe dou a mão, ele vem rapidamente pedir a outra mão. (...) Diz-me assim hoje de manhã “Então, mas agora tu vês o R todos os dias, é?”, do género “Já chega”. Não sei se foi muito nesse sentido, porque é muito engraçado. Parece que agora está a descobrir o que é isso de o que é que é uma relação, não é? E então, às vezes, estamos mais afastados na rua, estou eu com o A, está o meu namorado mais para a frente, ou assim. Ele diz “Então, não ficas perto do teu namorado?” (...) Mas não sinto muito que nessa altura seja competição. Acho que é mesmo a tentar entender. Agora aquela de dou a mão, ele vem logo puxar a mão e tal. É ciúme.

Demonstra, portanto, não só ao acesso do desejo objetal, como a capacidade de conceptualização psíquica do casal.

Tema 6 – Fragmentos do outro no meu filho: Figuras de Identificação

Tendencialmente, as mães reportaram que os filhos se identificam mais com adultos que com outras crianças. Isto observou-se não só pelos relatos que as mães fizeram das relações dos filhos com os outros, como pelas descrições de comportamentos e expressões das crianças a imitar adultos: “Calçar os meus sapatos. Isso gostava de andar em casa com os sapatos calçados, com os sapatos da minha mãe também andava.” (Mãe do J); “Gestos, sim. O meu padrasto. O meu padrasto diz, tipo ‘Come here, come here.’ E ele às vezes está no sofá e diz ‘Vem cá, vem cá.’” (Mãe do L). No entanto, a Mãe do T e a Mãe da M manifestaram que os filhos preferem relacionar-se com outras crianças. Ainda assim, todas as mães mencionaram que os filhos têm uma boa relação com os adultos.

Assistiu-se também a uma concretização edipiana na sua forma clássica. Ou seja, as mães associaram as figuras de identificação das crianças à escolha objetal. No caso da menina, ao identificar-se com a mãe, escolheu a figura masculina como objeto de desejo. No caso dos meninos, ao escolherem a figura feminina como objeto de desejo, identificaram-se

com o lado masculino. Nesse sentido, as representações das relações objetais dos filhos foram distinguidas de acordo com os aspetos femininos e masculinos, tendo sido identificados como subtemas nas narrativas das mães: “Figuras Femininas no meu filho” e “Figuras Masculinas no meu filho”.

Subtema 6.1. – Figuras Femininas no meu filho. Tal como nas narrativas das crianças, as figuras femininas foram significativamente identificadas pelas mães como estando muito presentes na vida dos filhos e como figuras de identificação. De facto, todas as mães mencionaram outras mulheres como as pessoas mais próximas dos filhos, por norma como consequência das relações das mães com essas mulheres (quer sejam familiares ou amigas). Existe, portanto, uma grande proximidade com avós, tias e amigas das mães. A Mãe do J menciona que “O J está muito rodeado de mulheres, pelo menos no núcleo mais duro, que sou eu, a minha mãe e a minha tia.” A Mãe do A refere que “Ele próprio diz ‘Eu gosto muito da tia porque ela brinca muito comigo.’ E ela também é muito brincalhona e muito quase infantil. Põe-se ao nível dele nas brincadeiras.” Estas figuras não só estabelecem relações próximas com as crianças, como ajudam frequentemente nas rotinas diárias: ir buscar à escola; levar aos treinos; prestação de cuidados na ausência da mãe; ajuda com as tarefas domésticas; *etc.* Uma das mães referiu ainda que o filho identificou uma das amigas mais próximas da mãe como a pessoa que queria que cuidasse dele caso algo acontecesse à mãe. A maioria das mães mencionou ainda que os filhos estabeleceram ligações fortes com as educadoras e com as professoras, tal como menciona a Mãe do T: “Desde que entrou para o primeiro ciclo, era muito ligado à professora V, que esteve com ele o primeiro e o segundo ano.”

Subtema 6.2. – Figuras Masculinas no meu filho. Ainda que o núcleo principal destas famílias seja composto maioritariamente por figuras femininas, as próprias mães referem que os filhos têm contacto com figuras masculinas. Entre as principais figuras masculinas, as crianças têm grande proximidade com avôs, tios e amigos das mães. Estas figuras ajudam também nas rotinas diárias de algumas destas famílias. As próprias mães consideram também importante que tenham estas relações, já que estas figuras não se encontram presentes no agregado familiar:

(...) o facto de o meu cunhado ser homem, acaba por ser ali uma referência masculina importante e eu acho que ele é um muito bom exemplo de uma masculinidade positiva e saudável. E, portanto, fico feliz que ele esteja presente. (...) é muito brincalhão e acaba por também ser uma fonte de brincadeira, mas também de respeito. É aquela pessoa que diz “A, não se fala com a boca cheia de comida.” (Mãe do A)

Existe também uma certa curiosidade das crianças pelo lado masculino, referem as mães. Tal como mencionado anteriormente, existe uma concretização dos desejos edipianos na sua constituição clássica. Isto observa-se tanto no caso da menina, em que a Mãe da M diz que “Ela desde bebé tem fascínio, não sei se é por estar com a mãe e ser feminino, [por] homens.”, como no caso dos meninos, em que a Mãe do L menciona que o filho:

(...) dá-se melhor com os homens. Portanto, ele tem assim uma admiração pelo lado masculino, o que eu acho que é compreensível porque ele não tem essa pessoa em casa. Acho que ele vai buscar aquilo que não tem no dia-a-dia aos meus amigos homens. Quer brincar com eles e puxa-os para brincar.

A maioria das mães reportaram que a dada altura os filhos perguntaram quem era o pai. Mencionaram ainda que o período em que começaram a questionar-se sobre isto coincidiu com o período de entrada para o infantário ou para escola, por verem que os colegas pertenciam a famílias de configurações tradicionais. Uma das mães referiu ainda que

o filho questionou sobre o pai quando a mãe começou a explicar-lhe a forma como foi concebido, “por volta dos três ou quatro anos”. Algumas mães contam também sobre as crianças terem manifestado o desejo de ter um pai. Esta concretização foi associada a figuras que já se encontram presentes na vida das crianças, como amigos próximos das mães:

(...) na cabeça dela, eu acho que ela gostaria muito que ele fosse o pai. Eu acho que sim. (...) Até porque lhe faz as vontades todas e ela não tem essa noção. Portanto, para ela, é a figura do homem. E para ela, eu acho que seria o que ela gostaria que fosse o pai. (Mãe da M)

No entanto, outras participantes mencionaram também que as crianças não associaram a figura paterna a nenhuma pessoa em concreto, tal como a Mãe do P: “Sim, ele já me perguntou isso. Quando é que eu caso? Quando é que eu arranjo alguém, que é para ser o pai dele. Queria um irmão ou uma irmã.”

Tema 7 - “Eu sou mãe e pai”: Gestão das Funções Parentais

O sétimo e último tema identificado nas narrativas das mães reflete a fluidez e a gestão das funções parentais nas famílias monoparentais femininas por opção. As narrativas das mães evidenciaram o sentimento geral de apoio moral e psicológico de familiares e amigos na tomada de decisão de terem filhos. A “Mãe do J” comenta que “A minha mãe, quando soube da minha ideia, apoiou-me logo.” A “Mãe da M” refere também que:

Tenho esta amiga (...) que até foi assistir ao parto. (...) E seria a pessoa que nunca avancei, que ela voluntariou-se, (...), se me acontecer alguma coisa, quem é que toma conta dela? E ela voluntariou-se. Até chorei quando ela me disse, e depois nunca fui tratar das coisas. Que seria a tutora.”

As mães referem também o apoio atual na rotina do dia-a-dia, por exemplo a “Mãe do L” que menciona o apoio da sua mãe: “A minha mãe, sim, (...) é o meu grande apoio e eu tenho uma

relação muito próxima com ela.” Ainda, a “Mãe da M” fala sobre o apoio sentido por ela e pela filha: “Agora tem os avós que nós dizemos do coração. (...) Eu digo sempre que sou muito abençoada nesse sentido, porque eu não tenho pais, mas ela tem avós, é quase como se tivesse.”

Contudo, a existência de uma rede suporte não parece diminuir a carga mental de funções parentais que são necessárias desempenhar. As mães partilharam sobre as dificuldades e os desafios de serem mães de crianças de famílias monoparentais femininas por opção. Quando lhes foi perguntado sobre que funções parentais desempenhavam, a maioria considera desempenhar “todas”:

Ui! Todas! Está bem que não o vou sempre buscar, mas vou sempre pô-lo ao colégio.

Depois o resto é tudo, é saúde, é educação, é ensinar as higiene, é ensinar a estar com os outros, pronto, é tudo. É tudo. É um bocadinho de tudo. (“Mãe do J”)

A “Mãe do P” exemplifica-o de forma idêntica: “Todas. Eu acho que não consigo descrever uma ou outra porque é um conjunto de tudo. Pois, por isso não dá para dizer que é umas ou outra, não é? Acaba por não haver divisão.” E ainda, a “Mãe do L” diz-nos também que “Todas. Sou eu para tudo, não é?” Em específico, algumas mães reportaram que as funções parentais que desempenham são, por exemplo, “saúde”, “educação”, “ensinar as higiene”, “ensinar a estar com os outros”, “dar a conhecer”, “dar-lhe o melhor”, “pôr regras e manter as regras”, “cuidadora”, “amiga”, “conselheira”, “conforto”, “cuidado básico” e “segurança emocional”.

Sobre a fluidez e a gestão das funções parentais, a “Mãe da M” refere:

“Porque eu dizia, ‘A mãe é tipo o super-homem, porque eu sou mãe e pai, e, portanto, tu também és’. Ou seja, nunca quis transmitir que ela era coitadinha, só tem mãe. Mas não, ‘olha, eu até sou diferente, mas é bom’. Então, até uma certa idade, se calhar para ir à primeira classe, eu era mãe e pai. Eu não era só mãe, era mãe e pai. Agora já

começo a ser só mãe que tem também as duas funções, faço os dois papéis. Eu chegava a brincar ‘agora sou mãe, agora sou pai, agora sou mãe’. Mas ela cresceu com isso.”

Este comentário ilustra uma perspectiva pessoal sobre as funções parentais como algo versátil e adaptável. Ainda que a maioria das mães sinta um grande apoio por parte da sua rede de suporte, as suas narrativas demonstram a consistência dos papéis parentais como um conjunto que pode ser dividido e partilhado com outros adultos, mas que não tem de o ser.

Por fim, um fator que se demonstrou significativo nas narrativas das mães e que poderá ser considerado uma função parental (especialmente nos contextos das novas famílias) foi a divulgação das mães aos seus filhos sobre a forma como foram concebidos. Esta revelação, demonstrou-se importante nas narrativas das mães por dar a conhecer às crianças as suas origens, assim como o porquê de a sua configuração familiar não ser igual à tradicional:

Ele foi-me perguntando deste pequenino, principalmente quando era o dia do pai, (...), ‘Porque é que eu não tenho pai?’ E eu sempre lhe expliquei que não tinha, porque eu não tinha ninguém, e que eu sempre quis ser mãe, e como eu não estava com ninguém, não havia outra pessoa para podermos ter um filho. Então, como eu não tinha ninguém, eu tive de pedir ao hospital e ele sabe que puseram uma sementinha na barriga da mãe. (“Mãe do P”)

Discussão

Os objetivos principais deste estudo foram descrever os processos intrapsíquicos destas crianças através da exploração do conceito de triangulação psíquica, pela avaliação da existência de diferenciação psíquica, da introdução do terceiro, das identificações objetais e do acesso aos interditos. Procurou-se também investigar sobre as dinâmicas das funções

parentais nestas famílias. Foram identificados sete temas principais e nove subtemas.

Concluiu-se que as crianças das famílias monoparentais femininas por opção deste estudo acedem à triangulação psíquica, o que vai ao encontro dos objetivos pretendidos.

Nas narrativas das crianças, foram identificados quatro temas (“A galinha dá comida aos seus bebés’: Expressões Oraís”; “Expressões Anais”; “Expressões Fálicas”; “Fragmentos do outro em mim: Figuras de Identificação”). O tema “A galinha dá comida aos seus bebés’: Expressões Oraís” evidenciou as expressões relacionais da ordem da oralidade. Quer isto dizer que as narrativas das crianças demonstraram a presença de atividade oral. A forma como a criança se posiciona nas relações de objeto contém características da fase oral do desenvolvimento sexual infantil. Estes resultados são congruentes com as teorias de Freud (1905/1981, 1923b/1981, 1924/1981), que conceptualizou as iniciais movimentações orais. Também o são com as teorias de Klein (1928, 1946), que não só considerou tais movimentações numa fase prévia ao que Freud tinha antecipado, como demonstrou que as expressões libidinais e as flutuações entre as posições esquizo-paranóide e depressiva nos acompanham toda a vida. As narrativas das crianças associaram frequentemente os temas relacionados com a comida nos cartões do CAT às expressões e manifestações orais, o que era de esperar tendo em conta as descrições de Boekholt (1993/2000).

Do mesmo modo que no tema anterior, as movimentações anais descritas no tema “Expressões Anais” vão também de acordo com as teorizações de Freud (1905/1981, 1923b/1981, 1924/1981). Este tema engloba na sua conceptualização o tema “A galinha dá comida aos seus bebés’: Expressões Oraís”. As narrativas das crianças sugerem a presença de atividade anal. No entanto, contrariamente ao propósito original atribuído por Freud a estas expressões e à fase anal, a analidade é agora utilizada como forma de controlo do objeto. Estas dinâmicas oscilaram ainda entre o domínio e a submissão ao objeto, revelando a compreensão das crianças da sua própria incapacidade face às figuras de autoridade.

O tema “Expressões Fálicas” engloba, na sua teorização, os temas mencionados anteriormente (“A galinha dá comida aos seus bebés’: Expressões Oraís” e “Expressões Anais”). Aqui, as narrativas das crianças parecem evidenciar que a organização psíquica das mesmas se estabelece em torno do Complexo de Édipo, pela passagem para a fase fálica do desenvolvimento infantil, tal como descreveu Freud (1923b/1981). Aqui, o investimento libidinal muda de foco e os órgãos genitais passam a ser fonte de prazer. Nesse sentido, e uma vez mais, a concretização destas expressões fálicas, assim como a presença de conflitos edipianos, vão ao encontro das teorizações de Freud (1900/1981, 1923b/1981, 1924/1981) e de Klein (1928), tendo em conta a idade das crianças.

Além disso, a movimentação dos afetos a que se assistiu nas narrativas das crianças, e expressas nos temas “A galinha dá comida aos seus bebés’: Expressões Oraís”, “Expressões Anais” e “Expressões Fálicas”, demonstra a forma como as crianças mobilizam a sua realidade interna. Tal era, de certa forma, expectável, visto que o CAT suscita e invoca a mobilização de diversos afetos, pelo contacto entre a percepção da realidade externa e a percepção das imagens internas (Boekholt, 1993/2000). Observou-se a flexibilidade e a consciência (ainda que limitada) das crianças com os afetos do amor, da tristeza, da agressividade, da inveja, do ciúme, do desejo, da culpa, da gratidão, do orgulho e da ternura. Ao percebermos como se relacionam consigo e com os outros, contactamos, inevitavelmente, com a forma como mobilizam todas estas forças pulsionais que habitam o seu povoado mundo interno. Klein (1946) dá-nos conta da presença de alguns destes sentimentos (tristeza, culpa, agressividade, desejo) aquando a integração dos objetos parciais da figura materna num único objeto. Além disso, o amor, a inveja, o ciúme e o desejo encontram-se também associados ao desenvolvimento sexual infantil e ao Complexo de Édipo (Freud, 1900/1981, 1923a/1981).

Foram identificados três temas nas narrativas das mães derivados das entrevistas às mães (“O Terceiro no meu filho”; “Fragmentos do outro no meu filho: Figuras de Identificação”; “‘Eu sou mãe e pai’: Gestão das Funções Parentais”). Os temas das crianças e das mães, ainda que distintos, convergem conceptualmente em diversos aspetos. O tema “Expressões Fálicas”, que ilustra a capacidade das crianças se expressarem em torno dos órgãos genitais, encontra-se profundamente associado ao tema “O Terceiro no meu filho”. Como evidenciado nas narrativas das crianças e das mães, as primeiras reconhecem já as diferenças entre sexos e gerações nos objetos, o que significa que se diferenciam psiquicamente. Fazem também uso deste reconhecimento, acedendo à cena primitiva e à conceptualização do casal. As capacidades de reconhecer a cena primitiva e conceptualizar o casal encontram-se fortemente ligadas ao Complexo de Édipo, incorporando-se na “situação edipiana” (Klein, 1928), e sugerindo o acesso ao complexo e à triangulação psíquica. Sapisochin (1999) argumenta ainda que a diferenciação psíquica é também o elemento que possibilita a triangulação psíquica. Como tal, as mães e as crianças demonstram concretamente que as últimas têm também a capacidade de aceder aos conflitos edipianos através de certas movimentações afetivas. Isto acontece em função do investimento libidinal da escolha objetal e da conseqüente rivalidade com os objetos de identificação. Nesse sentido, também a competição pelo objeto de identificação primária se interliga entre os temas “Expressões Fálicas” e “O Terceiro no meu filho”. Tanto as crianças como as mães reconhecem, consciente ou inconscientemente, que a criança rivaliza com os outros para conquistar a mãe. Esta rivalidade justifica e evidencia a emergência do Complexo de Édipo (Freud, 1910a/1981), assim como o acesso à conceptualização de um outro para além de si e para além da mãe. Desta forma, a criança reconhece um mundo exterior com o qual pode interagir, que este também interage consigo e que os outros interagem entre si. Através da rivalidade e do desejo impostas pela estrutura triangular edipiana, as crianças demonstraram

reconhecer e aceder à alteridade e diferenciarem-se psiquicamente. Em particular, a competição dos meninos com outras figuras masculinas concretiza o acesso ao Outro de Lacan (1978/1988), o “*name of the father*”, que permitiria a relação mãe-criança de colapsar. No caso da menina, o desejo objetal da figura masculina por identificação com a figura primária perpetua a abertura psíquica e triangular da criança, impedindo o desmoronamento da relação primária.

Também os conflitos da criança com o objeto primário reconhecem a existência de uma estrutura psíquica edipiana. De acordo com Freud (1924/1981), a mãe e o pai são, alternadamente, objetos de amor e de rivalidade. A capacidade de competir com o objeto primário e conseguir conceber outro objeto como objeto de amor, como se mostrou no quinto tema pelas narrativas das mães, revela a existência psíquica do Terceiro nas crianças. Ainda assim, tal não invalida a qualidade da relação mãe-criança reportada tanto pelas crianças como pelas mães. Na verdade, as evidências destas ligações colocam em prática a função alfa na mãe, assim como a sua capacidade de *reverie* (Bion, 1962/2003, 1967/2003). Esta função, que atua como um terceiro elemento capaz de sustentar a relação diádica, é adaptada por Green (2004) e transformada numa possibilidade de representação do Terceiro que poderia concretizar o Complexo de Édipo.

Através do subtema “As relações do meu filho com os outros”, as narrativas das mães transpareceram a presença de relações significativas das crianças com outras pessoas, assim como rivalidades com outras pessoas que não figuras do sexo oposto. Estes dois fatores revelam o simbolismo da situação triangular edipiana, como argumenta Green (2005). As crianças reconhecem os outros como sujeitos, mas reconhecem-nos também como sendo capacitados de pensar e de se relacionar, a posição que Benjamin (2018) designou “Terceiro” e que Britton (1989) designou *Thirdness*. É, portanto, na medida em que o tema “Expressões Fálicas” se associa com o tema “O Terceiro no meu filho”, que também os subtemas “Cena

Primitiva” e “Rivalidades e Desejos” se associam com os subtemas “As relações do meu filho com os outros” e “O acesso do meu filho à rivalidade e ao desejo”.

A instância do Superego, que se demonstrou presente nas narrativas das crianças e que se apresenta como um dos subtemas em “Expressões Fálicas”, é também uma evidência da passagem pelo complexo edipiano. Na verdade, é através do Terceiro que a criança conceptualiza este espaço mental triangular, face às proibições impostas. Freud (1910a/1981) considerava que este teria de ser concretizado pela figura paterna, o pai. Lacan (1975/1988, 1978/1988) conceptualizava-o como um pai simbólico, algo ou alguém que desempenhasse o simbolismo paterno, autoritário e proibitivo. Green (2005) e Benjamin (2018) consideram que poderá ir além disso, e que o terceiro elemento poderá encontrar-se na subjetividade da mãe. Já Fiorini (2015) argumenta que esse papel poderá ser representado tanto pela figura paterna, como pela figura materna, como por qualquer outra figura presente. Ainda que não tenha sido avaliado que figura exerceu o papel simbólico paterno na vida destas crianças, observou-se o acesso aos interditos, a relação com outros objetos além do materno e a diferenciação psíquica. A capacidade de aceder a estes três elementos em conjunto propõem que as crianças de famílias monoparentais femininas por opção acedem também à triangulação psíquica. A angústia de castração constitui também um ponto importante deste subtema, dado que a proibição incestuosa é a primeira imposição moral a ser imposta. Esta angústia fez-se notar tanto nos rapazes como na rapariga, refutando assim a teorização inicial de Freud (1908/1981).

Por sua vez, os temas “Fragmentos do outro em mim: Figuras de Identificação” e “Fragmentos do outro no meu filho: Figuras de Identificação” encontram-se também extremamente associados. No mesmo sentido, os subtemas “Figuras Femininas” e “Figuras Femininas no meu filho” também se interligam, assim como os subtemas “Figuras Masculinas” e “Figuras Masculinas no meu filho”. Tanto as crianças como as mães

demonstraram identificações significativas das crianças com diversas pessoas, nomeadamente adultos. Entre estas, destaca-se a mãe, que representa o objeto de identificação primária, aquele com quem a criança se relaciona e estabelece contacto em primeiro lugar, sem ser como consequência de uma relação com um objeto prévio (Freud, 1924). Além da figura de identificação primária, as crianças identificam-se também com outras figuras femininas que se demonstraram extremamente presentes na vida destas famílias. As avós, tias, primas, mães de amigos, madrinhas e amigos da mãe poderão constituir-se como elementos que possibilitam e facilitam o processo de triangulação psíquica da criança, tal como defendeu Fiorini (2015).

As crianças demonstraram relações fortes com figuras masculinas, identificando-se também com as mesmas. Entre estas incluem-se avós, tios e amigos das mães. A admiração das crianças pela figura masculina demonstrada em algumas das narrativas das mães poderá justificar por algo que foi também referido pelas mães, e que concerne ao facto de as crianças não terem uma figura masculina presente em casa. Novamente, isto concretiza a capacidade da criança aceder ao Terceiro, neste caso de uma forma mais tradicional como defendido por Freud (1900, 1924), mas também pelos autores contemporâneos (Britton, 1989; Fiorini, 2015; Green, 2004, 2005). No caso da menina, poderá justificar-se também por um movimento identificatório face ao objeto primário, e consequente idealização e desejo da figura masculina. Ainda assim, duas mães manifestaram que os seus filhos se identificavam e procuravam mais relações com crianças. Isto pode dever-se às diferentes fases de desenvolvimento, em que a criança se individua e autonomiza, e deseja relacionar-se mais profundamente com os seus pares. Poderá também dever-se à especificidade de cada criança, à frequência com que contactam com outros adultos e com outras crianças e ainda à qualidade dessas mesmas relações que as rodeiam. Ainda, no caso da participante M, estes

movimentos parecem relacionar-se fortemente com o processo de separação-individuação (Mahler, 1974).

Por fim, o último tema, designado “‘Eu sou mãe e pai’: Gestão das Funções Parentais”, tem em consideração as narrativas das mães sobre os desafios de fazer parte de uma família monoparental. As mães identificaram diversos familiares e amigos como sendo uma rede de suporte importante. Contudo, a existência de uma rede suporte não parece diminuir a carga mental de funções parentais destas mães, sendo que revelam desempenhar todas as funções parentais, pois são elas que cuidam e educam diariamente as crianças. O facto de considerarem que desempenham todas as funções parentais, algumas referindo até que não existem distinções entre papéis, relaciona-se com a capacidade de aceder ao Terceiro. Tal deve-se às importantíssimas contribuições de Bion (1967/2003), Mahler (1974), Lacan (1975/1988, 1978/1988) e Winnicott (1971) nas suas diversas conceptualizações sobre a existência necessária de terceiros elementos para concretizar a triangulação e nas suas influências notórias em autores contemporâneos como Benjamin (2018), Britton (1989, 2004), Green (2004, 2005) e Ogden (1994, 2004).

Este estudo poderá ter diversas aplicações para a prática clínica no âmbito da psicoterapia e da psicanálise. Por um lado, os resultados permitem um aprofundamento na compreensão das dinâmicas intrapsíquicas em crianças de famílias monoparentais através da forma como se organizam psiquicamente. Por outro, a compreensão dos movimentos identificatórios poderá ser importante para perceber os conflitos intrapsíquicos e ajudar na sua transformação. Ambos poderão contribuir também para a área da intervenção precoce e da psicoterapia desenvolvimental nas intervenções com esta amostra. Os resultados deste estudo que têm em consideração as famílias monoparentais femininas por opção poderão também ser relevantes para a prática clínica, para explorar os desafios específicos destas

mães e, possivelmente, desenvolver estratégias que ajudem a equilibrar a parentalidade, o trabalho, as tarefas domésticas e o tempo de lazer.

Esta dissertação apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, a escassa literatura acerca do tema do estudo dificulta e inviabiliza abordagens mais profundas e precisas sobre os resultados encontrados. Salienta-se também que os guiões das entrevistas semi-estruturadas foram desenvolvidos propositadamente para este estudo e que, por esse motivo, não se encontram validados. Isto poderá pôr em causa a validade dos resultados, dado que não existem garantias de que as perguntas desenvolvidas avaliam com precisão os construtos pretendidos. Adicionalmente, dado que as entrevistas foram conduzidas de forma flexível, plástica e adaptável, a capacidade de repetir as mesmas condições para cada participante foi limitada, o que por sua vez, coloca a fiabilidade do estudo em causa. Outra limitação a apontar prende-se com o facto de as entrevistas com as mães terem fornecido mais informação que as entrevistas com as crianças, o que poderá ter condicionado os resultados dos três primeiros temas, uma vez que não refletem apenas a perspetiva subjetiva das crianças, mas também uma visão externa sobre as mesmas. A idade das crianças que participaram neste estudo é também um fator a ter em consideração. A faixa etária das crianças variou entre os 6 e os 9 anos, sendo que duas das crianças frequentavam o ensino pré-escolar, uma o 1º ano, duas o 2º ano e duas o 3º ano. Esta variabilidade apresenta-se como uma limitação por representar diferenças nos níveis de desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças, colocando em causa as capacidades de compreensão das tarefas e a capacidade de linguagem para se expressarem. Algumas crianças resistiram em contar histórias nos cartões do CAT, limitando-se a nomear elementos, e resistiram em responder às perguntas que se seguiram. Tal poderá dever-se ao facto de o momento de entrevista ter sido o primeiro contacto da entrevistadora com as crianças. Tal poderá ter condicionado a riqueza e a profundidade do material obtido. Ainda que o método deste estudo não seja comparativo e

isso não implique homogeneidade no género dos participantes, o facto de terem sido entrevistados cinco rapazes e apenas uma rapariga constitui-se como uma limitação. Tal deve-se às diferenças nos comportamentos e nos conteúdos do pensamento, assim como às diferenças identificatórias com as mães das crianças. Além disso, este fator e o número de participantes não permitem a aplicabilidade e generalização dos resultados para a população-alvo em questão. Por fim, a condução de uma análise temática reflexiva contém também as suas limitações. Visto que os resultados dependem da subjetividade e interpretação do investigador, poderão existir preconceitos e opiniões prévias que afetam a objetividade dos resultados. Além disso, também limita e dificulta profundamente a replicabilidade do estudo, pois as condições das entrevistas e da análise de resultados nunca poderão ser reproduzidas da mesma forma.

À luz dos resultados e das limitações do presente estudo, emergem várias questões relevantes para investigações futuras. Seria importante realizarem-se estudos adicionais com esta população, nomeadamente com abordagens psicodinâmicas, de modo a aprofundar os conhecimentos acerca dos processos psíquicos e das relações de objeto destas crianças. Estudos futuros poderão focar-se especificamente na Triangulação (*Thirdness; Third*), no Complexo de Édipo e/ou nas Identificações, o que permitirá uma análise e um aprofundamento mais detalhado sobre esses mesmos temas. A inexistência de instrumentos específicos para avaliar a Triangulação é também um convite a que se desenvolvam materiais capazes de o fazer, para que se possa assegurar o maior rigor e validade na análise e nos resultados se estudos nesta área. Seria também pertinente realizarem-se estudos comparativos entre diferentes configurações familiares, assim como entre rapazes e raparigas e ainda entre mães e pais independentes, nomeadamente famílias monoparentais por opção.

Conclusões

O presente estudo identificou sete temas nas narrativas das crianças e das mães de famílias monoparentais femininas por opção. Os primeiros seis temas ilustram diferentes aspetos psíquicos das crianças, relacionados com as fases do desenvolvimento sexual infantil, inclusive o Complexo de Édipo, as relações de objeto e as identificações. O último tema aborda as perspetivas das mães sobre a gestão das funções parentais nesta configuração familiar. Através destes resultados, conclui-se que as crianças deste estudo acederam à triangulação psíquica por via do Complexo de Édipo e dos conceitos implicados no mesmo (diferenciação psíquica, conceptualização do Terceiro, identificações e acesso aos interditos), e ainda que as funções parentais destas famílias não se encontram exclusivamente associadas a pessoas específicas. Assim, os resultados sugerem que as crianças de famílias monoparentais femininas por opção acedem à triangulação psíquica e que os papéis parentais são simbólicos e fluídos. Torna-se essencial explorar e perceber estes aspetos e aprofundar o conhecimento acerca do funcionamento psíquico destas crianças, de modo a intervir adequadamente na prática clínica com as mesmas. Por fim, é fulcral desconstruir os estereótipos associados às configurações familiares não tradicionais, contribuindo para uma compreensão mais inclusiva da parentalidade e do desenvolvimento infantil.

Referências

- Amato, P.R. (2005). The Impact of Family Formation Change on the Cognitive, Social, and Emotional Well-Being of the Next Generation. *The Future of Children* 15(2), 75-96. <https://dx.doi.org/10.1353/foc.2005.0012>
- Bellak, L., & Bellak, S. S. (1949). Children's Apperception Test.
- Bellak, L., & Bellak, S. S. (1950). An introductory note on the Children's Apperception Test (CAT). *Journal of projective techniques*, 14(2), 173-180.
- Benjamin, J. (2018). *Beyond doer and done to: Recognition theory, intersubjectivity and the third*. Routledge.
- Bion, W. R. (2003). A theory of thinking. In *Second Thoughts*. Karnac. (Obra original publicada em 1967)
- Bion, W. R. (2003). *Learning from Experience*. Karnac. (Obra original publicada em 1962)
- Boekholt, M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil* (M. C. Fernandes, Trad.). Climepsi. (Obra original publicada em 1993)
- Boulanger-Belleyguier, G. (1957). Etude sur le CAT: influence du Stimulus sur lês récits d'enfants de 3 a 8 ans. *Revue de psychologie appliquée*, 7, 1-28.
- Bradfer-Blomart, J. (1970). Analyses des thèmes fournis au CAT par des garçons de huit ans. Comparaison des récits d un groupe de garçons et de filles du même âge. *Enfance*, 23(2), 215-234.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2023). Thematic analysis. In H. Cooper, M. N. Coutanche, L. M.

- McMullen, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.), *APA handbook of research methods in psychology: Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (2^a ed., pp. 65–81). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000319-004>
- Britton, R. (1989). The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex. In J. Steiner (Ed.), *The Oedipus Complex Today* (pp. 83-101). Karnac.
- Britton, R. (1992). The Oedipus situation and the depressive position. In R. Anderson (Ed.), *Clinical lectures on Klein and Bion* (pp. 33-44). Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9780203167779>
- Britton, R. (2004). Subjectivity, objectivity, and triangular space. *The Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 47-61. <https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2004.tb00152.x>
- Burgner, M. (2020). The oedipal experience: Effects on development of an absent father. In K. Robinson & J. Schachter (Eds.), *The Contemporary Freudian Tradition* (pp. 89-106). Routledge.
- Ceccarelli, P. R. (2002). Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 161(25), 88-98.
- Chabert, C. (1980). Contenu manifeste et contenu latent au Children Aperception Test (CAT). *Psychologie Française Paris*, 25(2), 115-124.
- Chan, R. W., Raboy, B., & Patterson, C. J. (1998). Psychosocial adjustment among children conceived via donor insemination by lesbian and heterosexual mothers. *Child development*, 69(2), 443–457. <https://doi.org/10.2307/1132177>
- Coelho Junior, N. E. (2016). The origins and destinies of the idea of thirdness in contemporary psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 97, 1105–1127. <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12433>
- Fiorini, L. G. (2015). Desconstruindo o conceito de função paterna: um paradigma

interpelado. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(2), 479-491.

<https://doi.org/10.5281/sppa%20revista.v22i2.169>

Fiorini, L. G. (2018). *Sexual difference in debate: Bodies, desires, and fictions*. Routledge.

<https://doi.org/10.4324/9780429480027>

Freud, S. (1981). A Special Type of Choice of Object made by Men (Contributions to the Psychology of Love I). In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. X) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1910)

Freud, S. (1981). Mourning and Melancholia. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIV) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1917)

Freud, S. (1981). On the Sexual Theories of Children. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. IX) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1908)

Freud, S. (1981). The Dissolution of the Oedipus Complex. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIX) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1924)

Freud, S. (1981). The Ego and the Id. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIX) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1923a)

Freud, S. (1981). The Infantile Genital Organization: An Interpolation into the Theory of

- Sexuality. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIX) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1923b)
- Freud, S. (1981). The Interpretation of Dreams. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vols. IV–V) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1900)
- Freud, S. (1981). Three Essays on the Theory of Sexuality. In *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. VII) (J. Strachey, Ed. & Trad.). The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1905)
- Fundação Manuel Francisco dos Santos (2024). [Pordata retrata perfil da população portuguesa.]
- Golombok, S., & Badger, S. (2010). Children raised in mother-headed families from infancy: a follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers, at early adulthood. *Human reproduction*, 25(1), 150-157. <https://doi.org/10.1093/humrep/dep345>
- Golombok, S., Tasker, F., & Murray, C. (1997). Children raised in fatherless families from infancy: Family relationships and the socioemotional development of children of lesbian and single heterosexual mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(7), 783-791. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01596.x>
- Golombok, S., Zadeh, S., Imrie, S., Smith, V., & Freeman, T. (2016). Single mothers by choice: Mother–child relationships and children’s psychological adjustment. *Journal of Family Psychology*, 30(4), 409. <https://doi.org/10.1037/fam0000188>
- Graham, S. (2012). Single women negotiating the nuclear family ideal. In D. Cutas & S.

- Chan (Eds.), *Families – Beyond the Nuclear Ideal* (pp. 97-107). Bloomsbury Academic.
- Green, A. (2004). Thirdness and Psychoanalytic Concepts. *Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 99–135. <https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2004.tb00154.x>
- Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: Misrecognition and recognition of the unconscious*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203025574>
- Hanly, C. M. (2004). The third: A brief historical analysis of an idea. *The Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 267-290. <https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2004.tb00159.x>
- Hook, D. (2006). Psychoanalysis, sexual difference and the castration problematic.
- Kirshner, L. A. (1992). The absence of the father. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 40(4), 1117-1138. <https://doi.org/10.1177/000306519204000407>
- Klein, M. (1928). Early Stages of the Oedipus Conflict. *International Journal of Psychoanalysis*, 9, 167–180.
- Klein, M. (1935). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. *The International Journal of Psychoanalysis*, 16, 145.
- Klein, M. (1945). The Oedipus complex in the light of early anxieties. *The International Journal of Psychoanalysis*, 26, 11–33.
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. *The International Journal of Psychoanalysis*, 27, 99–110.
- Lacan, J. (2006). The mirror stage as formative of the function of the I as revealed in psychoanalytic experience (B. Fink, Trad.). In *Écrits* (pp. 75-81). W. W. Norton. (Obra original publicada em 1966)
- Lacan, J. (1988). *The seminar of Jacques Lacan. Book I: Freud's papers on technique, 1953–1954* (J. Forrester, Trad.). W. W. Norton. (Obra original publicada em 1975)

- Lacan, J. (1988). *The seminar of Jacques Lacan. Book II: The ego in Freud's theory and in the technique of psychoanalysis, 1954–1955* (S. Tomaselli, Trad.). W. W. Norton. (Obra original publicada em 1978)
- Lamb, M. E. (1999). Parental behavior, family processes, and child development in nontraditional and traditionally understudied families. In *Parenting and child development in nontraditional families* (pp. 1-14). Psychology Press.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1990). *Vocabulário de Psicanálise* (7.^a ed.). (P. Tamen, Trad.). Editorial Presença. (Obra publicada em 1967)
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1988). *The Language of Psychoanalysis*. Karnac Books.
- MacCallum, F., & Golombok, S. (2004). Children raised in fatherless families from infancy: a follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers at early adolescence. *Journal of child psychology and psychiatry*, 45(8), 1407-1419.
<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00324.x>
- McLanahan, S., & Sandefur, G. (1994). *Growing up with a single parent: What hurts, what helps*. Harvard University Press.
- Mahler, M. S. (1974). Symbiosis and individuation: The psychological birth of the human infant. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 89–106.
<https://doi.org/10.1080/00797308.1974.11822615>
- Murray, C., & Golombok, S. (2005). Solo mothers and their donor insemination infants: follow-up at age 2 years. *Human reproduction*, 20(6), 1655-1660.
<https://doi.org/10.1093/humrep/deh823>
- Neubauer, P. B. (1960). The one-parent child and his oedipal development. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 15(1), 286-309.
<https://doi.org/10.1080/00797308.1960.11822580>

- Ogden, T. (1994). *Subjects of analysis*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429480515>
- Ogden, T. (2004). The analytic third: Implications for psychoanalytic theory and technique. *The Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 167-195.
<https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2004.tb00156.x>
- Rees, E., Beeber, S. N., Sampson, R., & Lietz, J. P. (2023). Empowering single parents: Navigating socio-economic challenges and fostering resilience in family well-being. *Law and Economics*, 17(2), 131-150. <https://doi.org/10.35335/laweco.v17i2.5>
- Rustin, M. (2023). Identity or identification? Why the difference between these concepts matters. *The Psychoanalytic Quarterly*, 92(3), 435-461.
<https://doi.org/10.1080/00332828.2023.2270510>
- Sapisochin, G. (1999). “My heart belongs to daddy”: Some reflections on the difference between generations as the organiser of the triangular structure of the mind. *The International Journal of Psychoanalysis*, 80(4), 755–767.
<https://doi.org/10.1516/0020757991599025>
- Savell, S. M., Saini, R., Ramos, M., Wilson, M. N., Lemery-Chalfant, K., & Shaw, D. S. (2023). Family processes and structure: Longitudinal influences on adolescent disruptive and internalizing behaviors. *Family Relations*, 72(1), 361-382.
<https://doi.org/10.1111/fare.12728>
- Scott, C. L., Wilder, S., & Bennett, J. (2019). Going it alone: a multigenerational investigation of women’s perceptions of single mothers by choice versus circumstance. In *Childbearing and the changing nature of parenthood: The contexts, actors, and experiences of having children* (pp. 143-164). Emerald Publishing Limited. <https://doi.org/10.1108/S1530-353520190000014007>
- Simon, F. (2017). *Proposition d’une nouvelle méthode de cotation et contribution à la*

validation du CAT (Children's Apperception Test) pour l'approche clinique du développement de l'enfant et de sa personnalité [Doctoral dissertation, Université de Lorraine]. Archive ouvert HAL.

Steiner, J. (1992). The equilibrium between the paranoid-schizoid and the depressive positions. In R. Anderson (Ed.), *Clinical lectures on Klein and Bion* (pp. 45-56). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203167779>

Symbolic differences and the oedipus complex in the work place: Frustration, deprivation and prohibition. ISPSO. (n.d.). <https://ispsso.org/A-Post/Symbolic-Differences-and-the-Oedipus-Complex-in-the-Work-Place-Frustration-Deprivation-and-Prohibition>

Winnicott, D. W. (1971). *Playing and Reality*. Tavistock Publications.

Xavier, M. D. F., & Villemor-Amaral, A. E. D. (2013). Avaliação do funcionamento cognitivo por meio do CAT-A: evidências de validade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 38-46. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100005>

Anexos

Anexo 1 – Questionário sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

1. Idade _____
2. Sexo _____
3. Nacionalidade _____
4. Local de residência _____
5. Nível de escolaridade concluído
 - 1º ciclo
 - 2º ciclo
 - 3º ciclo
 - Ensino secundário
 - Licenciatura ou equivalente
 - Mestrado ou equivalente
 - Doutoramento ou equivalente
 - Outro: _____
6. Profissão _____
7. Estatuto laboral:
 - Trabalhador/a por conta de outrem
 - Trabalhador/a por conta própria
 - Desempregado/a
 - Reformado/a
 - Estudante
 - Trabalhador-estudante
8. Estado civil Solteiro/a
 - Casado/a
 - União de Facto
 - Divorciado/a
 - Separado/a
 - Viúvo/a
9. Quantos filhos tem? _____
10. Algum dos seus filhos foi reproduzido através de PMA (Procriação Medicamente Assistida)?
 - Sim
 - Não
11. Indique as suas idades: _____
12. Indique os seus sexos: _____
13. Que escola(s) frequentam? _____
14. Que anos escolares frequentam? _____

Guião de Entrevista: Crianças

- Há adultos importantes na tua vida? Queres falar-me um pouco sobre eles e sobre o porquê de serem importantes?
- Com quem é que te achas mais parecido/a?
- Como é que é a relação com a tua mãe?
- Conta-me uma história imaginária contigo e com a tua mãe
- O que é que achas que distingue a tua família das outras?

Guião de Entrevista: Mães

1. Tomada de decisão, Rede de suporte

- Pode falar-me um pouco sobre a sua decisão de ser mãe?
- Quem é que a apoiou e de que formas?
- Com que frequência estão com essas pessoas? Em que contextos?
- (Adicional: De que forma é que o/a seu/sua filho/a foi concebido/a (inseminação artificial, fertilização in vitro, etc)?)
- Alguma vez falou com o/a seu/sua filho/a sobre a forma como foi reproduzido/a? Pode contar-me um pouco sobre isso?

2. Primeiros anos de vida

- O/A seu/sua filho foi amamentado/a? Quanto tempo?
- Como é que era a vossa relação durante os primeiros anos de vida? (Pedir exemplos)
- Como é que é diferente de agora? (Pedir exemplos)
- Como foi a adaptação ao infantário/escola?
- (Adicional: Ligou-se a algum adulto em particular na escola?)
- Quando é que o/a seu/sua filho/a começou a ter contacto regular com outros adultos? Pode descrever-me um pouco sobre essas relações?
- (Adicional: - De que formas é que ele/ela se identifica com eles? E de que maneiras é que ele/ela se identifica consigo?)
- Com quem é que ele/ela se dá pior, de quem gosta menos?
- Houve alguma altura em que começou a imitar alguém? (Pedir exemplos)
- Houve alguma fase em que o/a sentiu mais zangado/a e/ou competitivo/a e/ou hostil para consigo? Como é que ele/ela se relacionava com os outros? (Pedir exemplos)
- Houve alguma fase em que o/a sentiu que competia com outra pessoa para ter a sua atenção? (Pedir exemplos)

3. Relações amorosas

- Poderia falar-me um pouco sobre alguma relação amorosa que tenha tido desde que o/a seu/sua filho/a nasceu?
- (Adicional: Como foi para o/a seu/sua filho/a?)

4. Funções parentais

- Pode descrever-me um pouco sobre a vossa rotina no dia a dia?
- Como é que é para si criar uma criança sozinha (no agregado familiar)?
- (Adicional: Como é que se descreveria como mãe?)
- Que tipo de funções parentais diria que assume no seu dia a dia com o/a seu/sua filho/a? (Pedir exemplos)
- (Adicional: De que forma é que as outras pessoas desempenham algum tipo de função parental para o/a seu/sua filho/a?)

5. Fim

- Há algo que eu não tenha perguntado, mas que gostava de abordar?



CONSENTIMENTO INFORMADO

Sou estudante universitária do Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Universitário em Lisboa, e encontro-me a realizar um estudo para a minha dissertação intitulada “Um Triângulo a Dois?: Triangulação psíquica em crianças de famílias monoparentais”, sob a orientação do Professor Doutor José de Abreu-Afonso e da Professora Doutora Francis Teplitzky Carneiro. O objetivo é explorar e descrever os processos intrapsíquicos de crianças de famílias monoparentais femininas concebidas através de Procriação Medicamente Assistida (PMA) e com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos.

Gostaria de solicitar a sua participação através do preenchimento de um questionário sociodemográfico e a realização de uma entrevista (duração de cerca de 1 hora), assim como a participação do/a seu/sua filho/a para a realização de uma entrevista e aplicação de uma prova projetiva (duração de cerca de 45 minutos a 1 hora). Toda a informação recolhida será codificada para que os pais e as crianças permaneçam anónimos. Os questionários, entrevistas e provas serão codificados e será eliminada qualquer informação identificativa dos mesmos. Estes dados, assim como toda a informação recolhida, serão confidenciais. Existe a possibilidade de voltar a ser contactada para uma entrevista de follow-up caso se verifique que alguma informação esteja em falta.

A sua participação, tal como a do/a seu/sua filho/a, é voluntária, sendo que poderão desistir da participação deste estudo a qualquer momento.

O estudo em causa não apresenta riscos significativos, no entanto, caso se verifique algum tipo de desconforto advindo do mesmo asseguro a indicação de um contacto para acompanhamento psicológico.

Poderá contactar-me para quaisquer dúvidas através do seguinte email:

matildecbaltazar@gmail.com

Obrigada pela sua participação!

1. Consinto em participar:

Nome: _____ Assinatura: _____ Data: _____

Nome: Matilde Baltazar Assinatura: _____ Data: _____

2. Consinto a participação do/a meu/minha filho/a:

Nome: _____ Assinatura: _____ Data: _____

Nome: Matilde Baltazar Assinatura: _____ Data: _____